

RICARDO FRANCISCO NOGUEIRA VILARINHO

**O IDEAL DE COMPLETUDE NA FUNDAÇÃO DE UMA TEORIA**

Uberlândia - MG  
2008

RICARDO FRANCISCO NOGUEIRA VILARINHO

## **O IDEAL DE COMPLETUDE NA FUNDAÇÃO DE UMA TEORIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eliane Mara Silveira

Uberlândia - MG  
2008

Ricardo Francisco Nogueira Vilarinho

O IDEAL DE COMPLETUDE NA FUNDAÇÃO DE UMA TEORIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Banca Examinadora:  
Uberlândia, 26 de agosto de 2008.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Mara Silveira – UFU

---

Prof. Dr. José Guillermo Milán-Ramos – UNINCOR

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Lúcia Hernandes Agustini - UFU

*Olha aí! Ah o meu guri, olha aí.  
Olha aí! É o meu guri...*

Chico Buarque

*Ao Otávio Nogueira Vilarinho  
de Alcântara, o meu guri.*

## **Agradecimentos**

A DEUS, razão de todas as coisas, meu grande amor.

À Eliane Mara Silveira, que aceitou o desafio de lapidar matéria bruta.

À minha mãe, Domingas Lourdes Nogueira pela vida.

À minha avó Maria Lázara Nogueira por seu carinho.

Ao meu pai, Pedro Lúcio Vilarinho.

A meu sobrinho Otávio.

Aos meus tios, João Vilarinho, Maria Ercília Vilarinho, Maria Alice Nogueira de Paula e Sebastiana Nogueira.

Aos meus amigos que de alguma forma estiveram comigo em cada fase do mestrado: Joana Carlota, Keila Carneiro, Gabriela Lícia, Fauzi Palis, Juliana Ferreira, Juliana Ribeiro, Mônica Mussi, Elisa Vera Vaz, Alessandra Alves, Martha Gerolineto, Marcos Vinícius, Karel, Martha Marchiori e Diná Pereira.

Aos meus primos.

Às minhas companheiras de jornada: Thais Moreira, Rita Macedo, Iná Nascimento, Cleide Franco e Andréa Lemos. Amigas, confidentes e amparos.

À Maura Alves de Freitas Rocha, meu eterno agradecimento pela ajuda inicial nessa caminhada.

Ao Fued José Dib, homem que muito admiro.

À Maria das Graças Tostes Dib, incentivadora, amiga, companheira.

Aos servidores e alunos da Escola Estadual Rotary. Em especial à minha diretora, Jane Almeida Silva, por sua paciência.

Aos professores Ernesto Bertoldo e Carmen Agustini, por sua generosidade durante minha qualificação.

Ao professor José Guillermo Milán-Ramos, por suas orientações durante o V SEPELLA.

Ao Ricardo da Silva Ribeiro, por sua paciência e amizade. E a toda sua família, que de alguma forma hoje considero como minha.

Aos colegas do Grupo RSI, que se propuseram a ler este trabalho e me proporcionaram o imenso prazer de ser lido.

Aos servidores do ILEEL, especialmente Eneida, Solene, Maíza e Adélia.

*Se va enredando, enredando  
Como en el muro la hiedra  
Y va brotando, brotando  
Como el musguito en la piedra  
Como el musguito en la piedra, ay sí, sí, sí.*

Violeta Parra

## Resumo

O presente estudo configura-se como uma pesquisa teórica que visa analisar a fundação da Sociolingüística Paramétrica (SP), teoria proposta por Tarallo & Kato. Nesta dissertação, utilizamos os conceitos de campo da complementaridade extraído de Henry (1992) e também a Banda de Moébius, recurso topológico que permite uma reflexão acerca das dicotomias que emergem de nosso estudo, tais como interno/externo, social/psicológico, homogeneidade/heterogeneidade, intra/inter-lingüísticos, entre outras. De acordo com Henry (1992), a lingüística emergiu de uma conjuntura científica e ideológica cujos eixos podem ser descritos; eixos cujos pólos ora apontam para o interno, ora para o externo. Diante disto, intentamos localizar as teorias que são usadas na fundação da SP – Gramática Gerativa (GG) e Sociolingüística Variacionista (SV) –, no eixo descrito por Henry (op.cit.), estando a GG no eixo interno e a SV no eixo externo. Como já dissemos, o resultado da compatibilização de duas teorias, que apontam para pólos distintos, é a SP. Na GG buscamos seu caráter psicologizante/biologizante, percebido por sua definição de língua e falante/ouvinte. Na SV buscamos analisar a leitura do texto clássico de Weinreich, Labov & Herzog, apontando a relação da teoria com o externo/social. Buscamos nosso posicionamento sobre o movimento de complementaridade proposto por Tarallo & Kato, sustentados na afirmação de Henry (op. cit) de que não há complementaridade na Lingüística e também nas propriedades matemáticas da Banda de Moébius, as quais nos permitiram fazer reflexões sobre as dicotomias. Por meio de nosso estudo, podemos afirmar que, por nossa perspectiva, a complementaridade – possibilidade de juntar duas teorias formando uma terceira –, responde a um ideal de completude que, assim como qualquer ideal, está fadado à frustração.

**Palavras-chaves:** sociolingüística paramétrica; gramática gerativa; sociolingüística variacionista; complementaridade; Banda de Moébius.

## Resumen

Investigación teórica que visa analizar la fundación de la Sociolingüística Paramétrica (SP) propuesta por Tarallo & Kato. En esta disertación, utilizamos los conceptos de campo de la complementariedad extraído de Henry (1992) y también la Banda de Moebius, recurso topológico que permite una reflexión de las dicotomías que emergen de nuestro estudio, interno/externo, social/sicológico, homogeneidad/heterogeneidad, intra/inter-lingüísticos, entre otras. De acuerdo con Henry (1992) la lingüística emergió de una conjunción científica e ideológica cuyos ejes pueden ser descriptos. Ejes cuyos polos, ora miran el interno, ora el externo. Delante de esto, intentamos localizar las teorías que son usadas en la fundación de la SP, Gramática Generativa (GG) y Sociolingüística Variacionista (SV), en el eje descrito por Henry (1992). La GG en el eje interno y la SV en el eje externo. Como ya dijimos, el resultado de la compatibilización de dos teorías, que miran polos distintos, es la SP. En la GG buscamos su carácter sicologizante/biologizante percibido por su definición de lengua y hablante/oyente. En la SV buscamos investigar la lectura del texto clásico de Weinreich, Labov & Herzog, apuntando la relación de la teoría con el externo/social. Buscamos nuestro posicionamiento sobre el movimiento de complementariedad propuesto por Tarallo & Kato, sustentados en la afirmación de Henry (1992) de que no hay complementariedad en la Lingüística y también en las propiedades matemáticas de la Banda de Moebius que permitieron que hiciéramos reflexiones sobre las dicotomías. Nuestro estudio nos permitió afirmar que, por nuestra perspectiva, la complementariedad en cuanto posibilidad de juntar dos teorías formando una tercera, responde a un ideal de complementariedad que en cuanto a cualquier ideal está fadado a la frustración.

**Palabras llave:** sociolingüística paramétrica; gramática generativa; sociolingüística variacionista; complementariedad; Banda de Moebius.

## SUMÁRIO

<b>Nota introdutória</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1 – A Gramática Gerativa</b>	<b>15</b>
1.1. Introdução	16
1.2. Os estudos tipológicos e a GG	17
1.2.1 Buscando uma definição de gramática	20
1.2.2 Semântica X Sintaxe: interno ou externo?	23
1.3 A Fundação da GG: <i>The Logical Structure of Linguistic Theory e Syntactic Structures</i>	26
1.4 Em tempos de <i>Aspects</i> . A teoria padrão	28
1.4.1 O falante/ouvinte para a GG	30
1.5 Princípios e parâmetros	31
1.6 Considerações finais	33
<b>Capítulo 2 – A Sociolingüística Variacionista</b>	<b>34</b>
2.1 Introdução	35
2.2 Do que trata mesmo a Lingüística Histórica?	36
2.3 O movimento de fundação de uma teoria	37
2.3.1 Saussure e o <i>Cours</i> segundo WLH	38
2.3.2 Hermmman Paul e os neogramáticos segundo WLH	40
2.3.3 A Gramática Gerativa segundo WLH	42
2.4 Bases de uma teoria	43
2.4.1 O problema dos fatores condicionantes	43
2.4.2 O problema da transição	44

2.4.3 O problema do encaixamento	44
2.4.4 O problema da avaliação	45
2.4.5 O problema da implementação	45
2.4.6 Os fundadores concluem	46
2.5 A SV para Labov	46
2.6 A SV para Tarallo	48
2.7 Considerações finais	50
<b>Capítulo 3 – A Sociolingüística Paramétrica</b>	<b>52</b>
3.1 Introdução	53
3.2 O texto fundador da SP	54
3.3 Fotografias sociolingüísticas	56
3.4 Considerações finais	58
<b>Capítulo 4 – O campo da complementaridade</b>	<b>60</b>
4.1 Introdução	61
4.2 Uma análise da complementaridade na fundação da SP	61
4.2.1 Há complementaridade na Lingüística	62
4.2.2 Há complementaridade na SP	65
4.2.2.1 Elementos complementares intra e inter-lingüísticos	67
4.2.3 Não há complementaridade	73
4.3 Considerações finais	74

## **Capítulo 5 – A fundação da Sociolingüística Paramétrica entre o campo da complementaridade e a Banda de Moébius**

5.1 Introdução	77
5.2 Uma análise topológica da fundação da SP	78
5.2.1 Uma definição matemática da Banda de Moébius	78
5.2.2 A Banda de Moébius e o direito/avesso	80
5.2.3 A Banda de Moébius e o corte longitudinal	82
5.3 A SP pela Banda	83
5.4 A análise das dicotomias	84
5.5 O crivo da Banda	90
5.6 Considerações finais	98
<b>Conclusões</b>	<b>100</b>
<b>Referências</b>	<b>105</b>

# **Nota introdutória**

Neste trabalho visamos abordar a fundação da Sociolingüística Paramétrica (SP), teoria proposta por Tarallo & Kato em 1989, pelas lentes do campo da complementaridade, e analisar essa teoria lingüística com o auxílio da Banda de Moébius. Usaremos as reflexões de Henry (1992) a respeito do que ele nomeia como campo da complementaridade, que vem a ser esse movimento, observado por ele na Lingüística, que vai na direção da formação de um “todo”, “completo”. Em seguida, apoiados nas observações de Henry, passaremos à análise topológica de nosso objeto de estudo. Para isso utilizaremos a Banda de Moébius, figura topológica de um só bordo, que permite visualizar o irrepresentável, o que não é possível mostrar, a não ser pela Banda. Destacamos que o uso dos recursos topológicos foi pensado, nas ciências humanas, primeiramente por Lacan; como informa Granon-Lafont (1990: 19): “Cabe a Lacan todo o mérito de ter procurado traçar os contornos desta especificidade da topologia e de indicar qual poderia ser seu uso nas ciências humanas”.

Nossa hipótese está centrada na impossibilidade da realização do ideal de completude, de complementaridade, proposto por Tarallo & Kato na fundação da Sociolingüística Paramétrica. Para demonstrá-la, utilizaremos, sobretudo, Henry (1992) e a topologia da Banda de Moébius.

Em um ir e vir do interno ao externo, pontuaremos o lugar das teorias estudadas e seu trajeto por um eixo que representa o movimento da Lingüística no campo da complementaridade, objetivando formar um todo que as complete. Dos elementos que surgem desse movimento em busca da ilusão do todo, destacamos o social/psicológico, homogêneo/heterogêneo, intra/inter-lingüísticos. Cabe ainda lembrar que, como pano de fundo da fundação dessas teorias, encontra-se o embate entre racionalismo/empirismo, outra dicotomia.

No primeiro capítulo, trataremos da Gramática Gerativa (GG), programa de investigação científica proposto por Noam Chomsky em 1955/1957 com a publicação, respectivamente, de *The logical structure of linguistic theory* e *Syntactic structures*. A abordagem deste capítulo está apoiada em Borges Neto (2004), o que nos permite uma passagem pela história da Gramática Gerativa. Juntamente com Faraco (2005), faremos uma reflexão sobre a aproximação entre o gerativismo e o estruturalismo. Em seguida, buscaremos definições de gramática e língua, contrapondo as definições da Gramática Tradicional, representada por Cintra & Cunha (2001), e as definições de língua da Gramática Gerativa, extraídas de Miotto; Lopes; Silva (2000), Chomsky (1980) e Raposo (1992). Destacamos também desta fase os primeiros conflitos internos da GG, o

impasse Semântica x Sintaxe. Em um segundo momento da história da Gramática Gerativa, ocorre a publicação de *Aspects of the theory of syntax*, em 1965, e é deste lugar que extraímos a noção de falante ideal e homogeneidade proposta pelo fundador da GG. Por último, chegamos a *Princípios & Parâmetros*, de onde os fundadores da SP encontram lugar fecundo para pensar sua teoria. Refletiremos sobre a aproximação dos estudos gerativistas e o estruturalismo, sobretudo os estudos tipológicos, retomados também na SP.

Em seguida, no segundo capítulo, passamos à Sociolingüística Variacionista (SV) proposta primeiramente por Weinreich, Labov & Herzog (WLH) em *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* em 1966, obra fundadora desta teoria. Resenharemos este texto enfatizando a visão que os fundadores da SV têm de três momentos da Lingüística: a Escola Neogramática, representada por Hermann Paul, o estruturalismo de Saussure e o gerativismo de Chomsky. Nesta teoria observamos um movimento que vai em direção ao social/externo, evidenciado por seu objetivo de sistematização da heterogeneidade ordenada da língua.

Já no terceiro capítulo, passaremos à fundação da SP e tomaremos como ponto de partida os textos de Tarallo & Kato (1999) “Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística”, reconhecido como texto fundador da Sociolingüística Paramétrica, e de Tarallo (1986) “Zelig: um camaleão lingüista”, publicado pela revista *D.E.L.T.A.* Destacaremos, ainda, do livro *Fotografias Sociolingüísticas*, organizado por Tarallo, os artigos de autoria de Rocha e também o de Ramos, nos quais encontramos ponto de ligação entre a Gramática Gerativa e a Sociolingüística Paramétrica no que se refere aos estudos tipológicos. Destacamos neste momento o embate empirismo x racionalismo, uma das dicotomias que serão abordadas nesta dissertação.

No quarto capítulo, passaremos às observações de Henry (1992) sobre o campo da complementaridade. De seu texto destacaremos três posições: *há complementaridade na Lingüística, não há complementaridade e*, aproximando suas definições de nosso objeto de análise, a fundação da Sociolingüística Paramétrica, definiremos *a complementaridade na Sociolingüística Paramétrica*.

No último capítulo, apoiar-nos-emos na topologia da Banda de Moébius. Buscaremos em Agustini (1999), Granon-Lafont (1990) e em Porge (2006) as propriedades deste objeto topológico. Em seguida passaremos a analisar as dicotomias já citadas, pela perspectiva da Banda de Moébius. Estudaremos também, de maneira comparativa à Banda, a faixa de cilindro euclidiana, pois acreditamos que este objeto

representa o interno e o externo polarizados. Retomamos, por fim, a Banda de Moébius e suas propriedades matemáticas, sendo elas: unilátera, uma margem, uma borda, pontos não-orientáveis e quando seccionada por um corte longitudinal produz uma superfície bilátera. Uma vez ressaltadas as propriedades, submeteremos nosso objeto teórico de estudo ao crivo do objeto topológico.

# **Capítulo 1**

## **A gramática gerativa**

## 1.1 Introdução

Iniciaremos nosso estudo refletindo sobre a fundação de uma teoria que revolucionou o pensar lingüístico na década de 50 e até hoje tem uma produção científica consistente no meio científico, a Gramática Gerativa, doravante GG. Determos-nos na visão de seu criador, Noam Chomsky, Raposo (1992) e também de Miotto; Silva; Lopes (2000).

Definimos, para este trabalho, três momentos<sup>1</sup> importantes da obra de Chomsky por onde passaremos. Estes momentos estão marcados por duas obras em especial e a fundação de uma teoria dentro da GG, são eles: o lançamento de *Syntactic Structures*, de *Aspects of the theory of syntax* e a Teoria-Padrão e a fundação da Teoria de Princípios e Parâmetros. Vale ressaltar que é na Teoria de Princípios e Parâmetros que Kato & Tarallo (1989) buscam alicerce para fundar a Sociolingüística Paramétrica, daqui para adiante, SP, cuja fundação é objeto de estudo desta dissertação.

Começaremos esse capítulo pensando na possível relação existente entre o estruturalismo e o gerativismo, buscando as inovações que o surgimento da GG faz surgir na Lingüística, e, principalmente, estabelecendo um lugar em um eixo que vai do interno ao externo, sendo esse conceito extraído das observações de Henry (1992: 113) “[...] observa-se que a lingüística emergiu numa conjuntura científica e ideológica cujos **eixos** podem ser descritos” (grifo nosso). Os eixos citados por Henry (1992), interno/externo, juntos norteiam nossa dissertação<sup>2</sup>. Para estabelecer a comparação entre o estruturalismo e o gerativismo, apoiar-nos-emos, principalmente, na visão de Faraco (2005). Como guia de nosso estudo escolhemos Borges Neto e seu texto “O empreendimento gerativo”, pois reconhecemos nesse trabalho um guia de leitura eficaz. Consideraremos nesse estudo a divisão proposta por Borges Neto (2003), o período da publicação de *The logical structure of linguistic theory* (1955) e *Syntactic structures* (1957), *Aspects of the theory of syntax* (1965) e a Teoria-Padrão e Princípios e Parâmetros (P&P), cristalizada a partir de 1980.

É em *Aspects* que visualizamos com maior clareza os conceitos de falante/ouvinte, lugar onde podemos situar a teoria chomskyana, por meio do paradigma

---

<sup>1</sup> Buscaremos sempre destacar a oposição interno/externo.

<sup>2</sup> No quinto capítulo abordaremos a relação interno/externo com o auxílio de duas figuras: a faixa de cilindro euclidiana e a Banda de Moébius. Essas figuras nos auxiliam em nossa observação da Fundação da Sociolingüística Paramétrica no que concerne à relação de complementaridade das teorias lingüísticas conforme Henry (1992).

que norteia esse trabalho: o interno x o externo. Esta dicotomia é o cerne de nosso estudo, que visa analisar a fundação da Sociolingüística Paramétrica. Para Chomsky (1965), o falante/ouvinte é ideal e está imerso em uma comunidade homogênea. Esta definição faz com que possamos localizar o falante/ouvinte chomskyano no eixo interno devido às características que destacamos da teoria, entre elas a própria definição de falante/ouvinte, de Gramática e língua. Portanto o sujeito psicologizado<sup>3</sup> ideal se insere no eixo que definimos como interno.

Procuraremos dar um panorama geral da GG, não nos esquecendo que nosso objetivo é visualizar o lugar fecundo que dá possibilidades, na visão de Tarallo & Kato, à união de duas teorias, a Sociolingüística Variacionista e a Gramática Gerativa, sobretudo *Princípios e Parâmetros*.

## 1.2 Os estudos tipológicos e a GG

Faraco (2005) chama-nos a atenção para alguns aspectos interessantes da GG e uma possível relação entre estruturalismo e gerativismo. Observamos este movimento de retorno ao estruturalismo para mostrar pontos em comum entre as teorias lingüísticas. Nesse contexto, destacamos as aproximações do estruturalismo ao gerativismo e, em seguida, sobretudo no que concerne aos estudos tipológicos, um voltar de olhos da Sociolingüística Paramétrica para esse tema. Porém, como veremos, a tipologia não é um saber recente, está há tempos em tela na agenda da ciência da linguagem.

Segundo Faraco (2005: 163) destaca-se a centralização da teoria da Gramática Gerativa na pessoa de seu criador, “Costuma-se designar de gerativista a forma de fazer lingüística desenvolvida pelo lingüista norte-americano Noam Chomsky (1927 -) a partir da década de 1950”. O surgimento da GG traz mudanças para as teorias lingüísticas, dentre elas o autor destaca a influência direta da lingüística norte-americana de Bloomfield, descritiva, fundada na generalização indutiva, para uma prática científica vista como construção de modelos teórico-dedutivos. Segundo Faraco (2005), é na preocupação com a aquisição de linguagem que podemos perceber uma das bases da teoria gerativa: o inatismo. Para os gerativistas, o inatismo é a hipótese de que existe

---

<sup>3</sup> Segundo Henry (1992: 117) “[...] o exterior é o social (e, para além, o meio físico), o interior é o psicológico”.

um componente biológico (interno ao falante) que faz com que as crianças dominem mecanismos estruturais de uma língua. A hipótese inatista reforça nossa idéia de que o conceito de língua para a GG aponta para um interno, lugar oposto ao conceito de língua proposto pela Sociolingüística Variacionista<sup>4</sup>.

Também Lyons chama-nos a atenção para o caráter revolucionário do surgimento das idéias chomskyanas, porém afirma “Como toda revolução, esta também retoma o passado e deixa intacto muito mais do que pensam os próprios revolucionários e a maioria de seus contemporâneos” (LYONS, 1987: 82). Para este autor, o gerativismo está condicionado por um contexto intelectual e social que influencia sua fundação.

Neste movimento de aproximação das teorias lingüísticas, estruturalismo/gerativismo, Faraco (2005) vê no gerativismo, após *Princípios e Parâmetros*, uma aproximação aos estudos tipológicos presentes na agenda lingüística desde o século XIX. Definindo o estudo por meio das tipologias, considera que

Trabalhar com tipologias é realizar classificações das línguas humanas. Uma classificação comum em lingüística é aquela que se faz por critérios de parentesco (a mal chamada classificação genética ou genealógica): adotando como base o princípio de que relações regulares sistemáticas entre formas gramaticais de línguas diferentes são decorrência do fato de terem elas um estado sincrônico anterior comum (ou, dito com a linguagem metafórica do século XIX, terem elas uma língua ancestral comum), os lingüistas reúnem as línguas em famílias e subfamílias ou grupos e subgrupos (FARACO, 2005: 169).

De acordo com o lingüista, a classificação tipológica é a possibilidade de agrupar as línguas por critérios estruturais, ou seja, por sua organização interna. Segundo Faraco, as primeiras propostas de um estudo tipológico foram feitas no século XIX por A. W. Schlegel (1767-1845) e, mais tarde, por Schleicher. Seu critério era a organização morfológica das línguas com base em uma dimensão estrutural. Schlegel falava de três tipos de línguas: as que utilizam afixos, as que utilizam flexões e as que não têm estrutura morfológica flexional ou afixal. Já Schleicher propôs tipologias divididas em línguas isolantes, aglutinantes e flexivas. A Schleicher é dado o mérito de, pela primeira vez, aliar tipologia à história, pois ele procurava não só classificar as línguas descritivamente, mas também que se vissem as histórias das línguas.

---

<sup>4</sup> No segundo capítulo, serão discutidos aspectos da Sociolingüística Variacionista que permitem posicioná-la no eixo externo que aponta para o social.

Continuando com o projeto de uma classificação tipológica, Faraco (2005) cita Sapir nas primeiras décadas do século XX e seu método que utiliza critérios morfológicos e sintáticos. Chegando à década de 1960, cita o trabalho de Joseph Greenberg (1915-2001) e sua proposta de classificar as línguas em SVO, SOV, VOS, VSO, ou seja, línguas de ordem canônica sujeito-verbo-objeto, sujeito-objeto-verbo, verbo-objeto-sujeito etc. Esta proposta ecoou em trabalhos e estudos científicos contemporâneos realizados na universidade de Stanford (EUA) sob a coordenação de Greenberg e também em alguns estudos diacrônicos que têm procurado interpretar a mudança na perspectiva tipológica. Para comprovar suas observações, Faraco (2005) cita Lehmann (1974), Vennemann (1974) e Harris (1978).

### **Gerativismo x Estruturalismo americano**

Faraco considera que o gerativismo trouxe para a análise diacrônica um refinamento metodológico apoiado em uma teoria restritiva de Gramática.

Apesar de as duas teorias se aproximarem, GG e EA, Lyons (1987) destaca algumas diferenças significativas entre o gerativismo e o estruturalismo bloomfieldiano e pós-bloomfieldiano. Segundo ele, Bloomfield e seus seguidores enfatizavam a diversidade estrutural das línguas, enquanto os gerativistas estão mais interessados no que as línguas têm em comum. Segundo Lyons (1987), o gerativismo representa uma volta à antiga tradição da gramática universal explicitada na gramática de Port-Royal de 1660. Porém, ambos os lingüistas, Chomsky e Bloomfield, condenavam o método utilizado nessa gramática por considerá-lo especulativo e não científico.

De acordo com Lyons, uma das características do trabalho de Chomsky é atribuir maior importância às propriedades formais da língua e à natureza das regras exigidas para a descrição e está menos interessado pela relação entre a linguagem e o mundo. A mudança, comparando Chomsky a Bloomfield, é explicada por:

a razão para esta mudança de ênfase é que Chomsky procura dados que sustentem a sua opinião segundo a qual a faculdade humana da linguagem é inata e específica da espécie: i.e., transmitida geneticamente e peculiar à espécie. Qualquer propriedade universal da linguagem que pode ser explicada em termos de sua utilidade funcional ou do seu reflexo da estrutura do mundo físico ou das categorias de lógica, pode ser abatida deste ponto de vista. Segundo Chomsky, existem várias propriedades formais complexas que são

encontradas em todas as línguas, e que, são, no entanto, arbitrárias, no sentido de não servirem a nenhuma finalidade e de não poderem ser deduzidas de nada do que sabemos acerca dos seres humanos e do mundo em que vivem. (LYONS, 1987: 172).

Nesta preocupação com a descrição, segundo Lyons, identificamos uma busca ao interno da língua. O gerativismo tem como objetivo mostrar como as sentenças se formam na mente/cérebro do falante. É importante que pensemos nessa definição para localizar a GG no eixo interno/externo descrito por Henry (1992).

### 1.2.1 Buscando uma definição de gramática

Buscaremos neste item uma definição de gramática objetivando conhecer as concepções da GG sobre língua, uma vez que os fundadores da SP propõem a capitalização<sup>5</sup> do conhecimento juntado pela SV ao saber proposto por Chomsky.

Chomsky fala da independência da gramática. Para isso busca definir o que é língua:

A partir de agora, entenderei por *língua* um conjunto (finito ou infinito) de frases, todas elas de extensão finita e construídas a partir de um conjunto de elementos. Todas as línguas naturais neste sentido, uma vez que cada língua natural possui um número finito de fonemas (ou de letras no seu alfabeto) e que cada frase pode representar-se como uma seqüência finita desses fonemas (ou letras), embora o número de frases seja infinito (CHOMSKY, 1980: 15).

O fundador da GG também fala do objetivo da análise de uma língua L, que, segundo ele é distinguir as seqüências gramaticais, frases de L, das seqüências

---

<sup>5</sup> Termo usado por Tarallo em diversos textos, tais como: Tarallo (1987), Tarallo (1989), entre outros. Retomaremos a discussão sobre o termo capitalizar no capítulo 4. A esse respeito, Tarallo anteriormente informa: “O presente ensaio busca sintetizar, no sentido de “**capitalizar**”, parte do saber teórico acumulado pela teoria da variação e da mudança lingüística, tal qual proposta por Labov, em relação ao grupo românico ocidental de línguas, dentro da fonologia e da **sintaxe**” (TARALLO, 1987: 51, grifo nosso). Reconhecemos neste movimento uma tentativa de estabelecer a complementaridade entre a SV e a GG, pois mais adiante, no mesmo texto, Tarallo continua “[...] buscando-se **aproximar** esse saber teórico da variação e da mudança às conquistas do modelo paramétrico, recentemente emergente da sintaxe chomskiana” (TARALLO, 1987: 51, grifo nosso). Portanto, a tentativa de aproximação é entre o saber teórico da variação e mudança, encabeçado pela SV de Labov a GG, sobretudo *Princípios & Parâmetros*. Podemos explicar com a seguinte citação retirada de Tarallo (1987: 51): “O ensaio procura demonstrar a **compatibilidade** entre as análises propostas pelo **paradigma laboviano** e pelo **quadro teórico chomskiano**” (grifo nosso). Porém, antes da compatibilização proposta por Tarallo, deter-nos-emos em algumas definições próprias da GG.

agramaticais que não são frases de L. Conclui que a gramática de L é um mecanismo que gera todas as seqüências gramaticais de L e nenhuma das seqüências agramaticais. Oferece como forma possível de testar a gramaticalidade e agramaticalidade de uma seqüência passá-la pelo crivo de um falante nativo. É ele que tem a competência para esta análise, de acordo com a aceitabilidade da sentença.

Podemos contrapor o conceito de língua da GG ao conceito extraído de Cintra & Cunha (2001) e sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, neste estudo considerada como representante da Gramática Tradicional (GT):

Língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou (CINTRA & CUNHA, 2001: 1).

A definição de Chomsky foi retirada de uma de suas obras iniciais, *Estruturas Sintáticas* (1980) e não notamos, neste momento, que haja uma preocupação com o interno/externo da língua; por outro lado, em Cunha & Cintra, observamos que é o social que ampara as definições de língua e o falante/ouvinte, tido como o “organismo social” que cria a língua.

Mioto; Lopes; Silva (2000: 17) chamam-nos a atenção para a diferença entre GT e a GG na definição que propõem para GT:

**Gramática** pode ser entendida, nesse sentido, como o conjunto das regras “do bem falar e do bem escrever”. Repare que, nesta acepção, apenas uma variedade da língua está em jogo: a norma culta ou padrão; e é esse “padrão” que guiará os julgamentos do que é “certo” ou “errado” na língua.

Nesta definição de Gramática, notamos outra vez a preocupação com o social, encontrada anteriormente na definição da GT. Para Mioto; Lopes; Silva (2000), existe uma aproximação entre o social e o que é valorado como padrão. Ainda segundo os autores, a função do lingüista que faz GG é descrever acuradamente os fenômenos lingüísticos e, com isso, desenvolver hipóteses que expliquem esses fenômenos.

Em Chomsky, encontramos uma definição que tenta justificar as gramáticas<sup>6</sup>:

---

<sup>6</sup> Destacamos um conceito de Gramática como uma teoria e daí justificamos a definição de Borges Neto (2004) e seu pensamento de que a Gramática Gerativa não é uma teoria, e sim um Programa de

Uma gramática da língua L é essencialmente uma teoria de L. Qualquer teoria científica se baseia num número finito de observações, procurando relacionar os fenómenos observados e prever novos fenómenos através da construção de leis gerais em termos de conceitos hipotéticos como (por exemplo, em física) os de “massa” e “electrão” (CHOMSKY, 1980: 54).

Para Chomsky (1980), uma das condições que uma gramática tem que satisfazer é ser finita, pois ela não é uma mera lista de todas as seqüências de palavras (morfemas), já que seu número é infinito.

Raposo (1992: 28) ressalta o carácter computacional da Gramática:

O primeiro feixe de problemas leva ao desenvolvimento da *gramática* de uma língua particular, isto é, de um modelo que represente o sistema de conhecimentos particular do falante, capaz de explicar as suas intuições sobre a forma e a significação das expressões lingüísticas, nomeadamente se são ou não admitidas pela língua (isto é, se são aceitáveis ou não).

Para continuar a estabelecer as bases de nossas reflexões, é necessário que pensemos uma gramática internalizada, uma das bases da GG. Esta gramática é conhecida na GG como gramática universal. Miotto; Lopes; Silva (2008: 28) assim a definem:

Introduzimos aqui o conceito de **gramática universal** (UG, do inglês *Universal Grammar*) que é o estágio inicial de um falante que está adquirindo uma língua. A UG se constitui dos princípios e dos parâmetros, estes sem valores fixados. À medida que os parâmetros vão sendo fixados, vão se constituindo as **gramáticas das línguas**.

Enfatizando esse carácter interno da GG e reforçando a visão biológica de língua da GG, buscamos em Raposo (1992: 46) sua definição de Gramática Universal:

A teoria do lingüista sobre o estado inicial do mecanismo de aquisição da linguagem é a *Gramática Universal* (UG), entendida como a soma dos princípios lingüísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie.

---

Investigação Científica (PIC). Para isso apóia-se em Lakatos, sobretudo no conceito de núcleo e heurística. Em se aceitando essa definição da GG como Programa, aceitamos as definições de Miotto; Lopes; Silva (2000), e também de Raposo (1992), que consideram várias teorias formando a GG, entre elas a Teoria X-Barra, a Teoria Temática, A Teoria do Caso, Teoria da Vinculação, entre outras. Em nosso estudo, porém, não nos aprofundaremos nessa discussão e consideraremos a GG como teoria lingüística.

Podemos conceber a Gramática Universal como um **órgão biológico**, que evolui no indivíduo como qualquer outro órgão. O resultado dessa evolução é a gramática final que caracteriza os conhecimentos lingüísticos do falante adulto. Nós temos de Chomsky, que a Gramática Universal é o estado inicial da faculdade da linguagem (So), e a gramática do indivíduo adulto constitui o seu estado final, firme ou estável (Ss, do Inglês ‘Steady State’). (grifo nosso)

Desta definição podemos enfatizar o caráter biologizante/psicologizante<sup>7</sup>/interno da teoria chomskyana<sup>8</sup>. É em Chomsky (1980: 13) que buscamos a definição de sintaxe:

A sintaxe é o estudo dos princípios e processos que presidem à construção de frases em línguas particulares. O estudo sintático de uma determinada língua tem como objetivo a construção de uma gramática, que pode ser encarada como um mecanismo de produção de frases da língua em questão.

Segundo o pai da GG, o resultado das investigações a que se propõe, ou seja, a justificativa da própria fundação da GG, é a fundação de uma teoria da estrutura lingüística, em que os mecanismos descritivos utilizados em gramáticas particulares serão estudados de forma abstrata, sem referências a línguas particulares.

De todas as definições fica evidente o caráter biológico/interno que aponta para um eixo interno da língua, conforme Henry (1992) observa no comportamento geral das teorias lingüísticas.

### 1.2.2 Semântica x Sintaxe: interno x externo?

*A interação dessas forças concorrentes, que Wang formalizou através de regras específicas, determina não apenas a direção da mudança, como também pode interromper o seu processo de implementação, do que resultam os chamados **resíduos** das mudanças fonológicas. Isso coloca um sério problema para a visão estrutural em sua abordagem diacrônica.*

Lucchesi (2004: 161)

Em Chomsky (1980), encontramos o embrião de um ponto delicado da GG: a relação entre sintaxe e semântica. De acordo com o lingüista:

---

<sup>7</sup> Extraímos o termo psicologizante de Borges Neto (2003: 60), que observa na lingüística contemporânea três tendências de filiação a outras disciplinas, são elas: 1º) tendência sistêmica; 2º) tendência psicologizante; 3º) tendência sociologizante.

ao propor que a estrutura sintáctica pode fornecer alguns esclarecimentos quanto aos problemas do sentido e da compreensão entramos num terreno delicado. Nenhum domínio do estudo lingüístico está mais sujeito a confusões e mais necessitado de uma formulação clara e cuidadosa do que aquele que trata dos pontos de ligação entre sintaxe e semântica (CHOMSKY, 1980: 102).

No texto fundador *Estruturas Sintáticas*, encontramos indícios da crise<sup>9</sup> entre o campo da semântica e a teoria sintáctica. De acordo com o fundador da GG, muitos esforços estavam sendo feitos para responder a pergunta de como seria possível construir uma gramática sem apelar para o sentido, porém a pergunta, para Chomsky, é: “Como é possível construir uma gramática?”. Aí está a síntese de seu Programa de Investigação Científica. O lingüista é claro em afirmar:

não tenho conhecimento de qualquer tentativa, pormenorizada, de desenvolvimento da estrutura gramatical em termos parcialmente semânticos ou de qualquer proposta, específica e rigorosa, de utilização de informação semântica na construção ou avaliação de gramáticas (CHOMSKY, 1980: 102).

Refutando questionamentos de alguns semanticistas gerativistas, Chomsky fala da inadequação das sugestões sobre a utilização do sentido na análise gramatical. Para ele, os termos usados nesse tipo de análise são vagos e acabam causando confusão entre “intuição da forma” e “intuição do sentido”, dois termos que só têm em comum o fato de serem indesejados em sua teoria lingüística.

Chomsky (1980: 103) cita os argumentos mais freqüentes invocados a favor da dependência da gramática em relação ao sentido:

- (a) dois enunciados são fonologicamente distintos se, e só se, diferirem quanto ao sentido;
- (b) os morfemas são os elementos mínimos dotados de sentido;
- (c) as frases gramaticais são as que têm significado semântico;
- (d) a relação gramatical sujeito-verbo (isto é, SN – SV como uma análise de Frase) corresponde ao “sentido estrutural” geral actor-acção;
- (e) a relação gramatical verbo-objecto (isto é, Verbo – SN, como uma análise de SV) corresponde ao sentido estrutural acção-objectivo ou acção-objecto da acção;
- (f) uma frase activa e a sua correspondente passiva são sinônimas.

---

<sup>9</sup> O impasse se dá entre Chomsky e alguns semanticistas gerativistas liderados por Katz e Fodor.

Borges Neto (2004) considera que é a partir de 1965 que começaram a aparecer as primeiras críticas ao trabalho de Chomsky. Nesta época, o principal ponto de conflito era o grau de abstração das estruturas lingüísticas subjacentes. Discutia-se, então, a distância entre as estruturas profundas e as estruturas superficiais e a distância entre as estruturas profundas e as representações semânticas. Encontramos, neste momento, consonância com o movimento de circularidade observado por Henry (1992), segundo o qual as teorias lingüísticas oscilam entre dois pólos: ora tendem a se preocupar com o interno, ora com externo da língua.

Os pensadores dissidentes propunham que se distanciasse mais a estrutura profunda (interna) da estrutura superficial (externa) e que se aproximasse a estrutura profunda das representações semânticas.

Segundo Borges Neto (2004), esses gerativistas foram chamados de abstracionistas e, por um período, permaneceram fiéis à Teoria Padrão, fazendo com que seus trabalhos fossem aceitos pelos outros gerativistas. Com o avanço dos estudos abstracionistas, o modelo proposto por Chomsky é deturpado, restando uma noção de estrutura profunda (EP) completamente diferente do que havia sido a princípio concebido por seu criador. Tentando reunir suas idéias, os abstracionistas fundam o que ficou conhecido como Semântica Gerativa.

Inconformado com o movimento abstracionista, o mentor da GG, reformula suas idéias lançando mão de uma nova proposta:

A reação de Chomsky não se faz esperar e, em 1967, ele propõe algumas alterações na teoria-padrão para impedir a abstração desenfreada. A reação chomskiana tem algumas conseqüências. Em primeiro lugar, o rompimento com os “abstracionistas” torna-se inevitável, e surge um primeiro grupo de lingüistas “criados” no interior do programa da GG que se lançam à tarefa de construção de novos programas de investigação. Em segundo lugar, um novo modelo de análise lingüística é estabelecido. Este novo modelo ficou conhecido como *teoria-padrão estendida* (TPE) (BORGES NETO, 2004: 114).

Em seguida, passaremos a acompanhar o trajeto da GG da publicação de SS até *Princípios & Parâmetros*.

### 1.3 A fundação da GG: *The Logical Structure of Linguistic Theory* e *Syntactic Structures*

Passaremos a uma exposição da GG, no sentido de oferecer um panorama histórico desta teoria para que possamos melhor entender alguns conceitos e definições de três fases: de *Syntactic structures* a *Princípio & Parâmetros*.

Borges Neto (2004) considera que é em 1957 que ocorre a fundação da GG, com a publicação de *Syntactic structures* (SS), antes disso, porém, destaca a publicação, em 1950, do *The logical structure of linguistic theory* (LSLT), compilação da dissertação de mestrado e tese de doutorado de Noam Chomsky, fundador da GG, tendo sido LSLT publicada tardiamente, em 1975, quase vinte anos após a fundação da GG.

Citando Chomsky, Borges Neto informa: “Chegamos, então, a 1957 e a *Syntactic Structures*. Este livro reúne notas de um curso que Chomsky ministrava no MIT e, segundo o próprio Chomsky, não reflete com justeza seu pensamento lingüístico da época” (BORGES NETO, 2004: 98).

Ainda de acordo com o autor, somente após uma resenha publicada pelo lingüista Robert Lees é que as idéias chomskianas passam a ter credibilidade no meio científico da época.

Usando o método contrastivo, Borges Neto (2004) propõe comparar as propostas da GG com o estruturalismo americano, lingüística dominante na época da publicação do SS. De acordo com o autor, nesta primeira fase da proposta de Chomsky encontramos uma forma sofisticada de gramática de constituintes imediatos, acrescida de um componente transformacional.

Sobre a SS, Chomsky (1980: 9) informa:

este estudo trata da estrutura sintáctica, tanto no sentido lato (em que se opõe à semântica), como sentido estrito (em que se opõe à fonologia e à morfologia). Constitui parte de uma tentativa de construção de uma teoria geral, formalizada, da estrutura lingüística, e de exploração dos fundamentos de uma tal teoria.

Segundo Borges Neto (2004), o modelo sugerido por Chomsky apresenta dois componentes principais: um que forma expressões, versão da gramática gerativa de constituintes proposta, entre outros, por Rulon Wells (1947), e um que transforma expressões, apoiando-se na noção de “transformação” de Zellig Harris. Além desses

dois componentes, há um terceiro, denominado morfofonêmico, que atribui leituras fonológicas ao *output* do componente transformacional.

Uma noção importante de acordo com Borges Neto (2004) extraída de LSLT é a de nível lingüístico:

a língua é um sistema extremamente complexo. A teoria lingüística tenta reduzir esta imensa complexidade a proporções controláveis pela construção de um sistema de *níveis lingüísticos*, cada um dos quais possuindo um certo aparato descritivo para a caracterização da estrutura lingüística. Uma gramática reconstrói a complexidade total da língua em etapas, distinguindo a contribuição de cada nível lingüístico. (CHOMSKY, 1955: 63 apud BORGES NETO, 2004 101).

Ainda segundo Borges Neto, para Chomsky de LSLT, um nível lingüístico é um sistema L onde se constroem representações unidimensionais dos enunciados. É como se cada nível apresentasse um alfabeto, fixo e finito, de elementos primitivos.

Com o propósito de diferenciar a noção de transformação de Harris e Chomsky, discorre Borges Neto (2004: 106):

a noção de transformação de Harris repousa na noção de *forma sentencial*. Harris chega a esta noção pela definição de variáveis que têm por domínio classes de palavras (a variável N tem por domínio a classe dos nomes, por exemplo). A partir daí, podem-se definir *seqüência de variáveis bem formadas*. Essas seqüências de variáveis bem formadas são chamadas, por Harris, de *formas sentenciais*.

Essa noção de transformação é retomada e criticada por Tarallo (1986). O autor afirma ser preciso uma postura transformacional para que a polêmica empirismo x racionalismo seja abrandada: “A razão disso, reflete o historiador, talvez resida na obsessão do transformacionista de não se transformar: uma grande ironia e um forte não-camaleão!” (TARALLO, 1986: 132). Apesar de o uso do termo transformação ser abordado de maneira distinta pelo fundador da Sociolingüística Paramétrica, achamos interessante destacá-lo, pois vemos neste momento um ideal de complementaridade.<sup>10</sup> Neste caso, podemos afirmar que as noções de Tarallo para os termos transformacional e parâmetros<sup>11</sup> são diferentes dos de Chomsky. Os do primeiro tentam justificar a fundação da SP.

---

<sup>10</sup> No quarto capítulo discutiremos o campo da complementaridade apoiados em Henry (1992).

<sup>11</sup> No final deste capítulo, no item que se propõe observar *Princípios e Parâmetros*, será retomada a discussão sobre o termo “parâmetro”.

#### 1.4 Em tempos de *Aspects*. A teoria padrão.

Borges Neto (2004) destaca o embate acontecido entre a GG e o Estruturalismo Americano (EA) durante a primeira década de desenvolvimento das idéias de Chomsky. Sobre esse período, explica:

a teoria de SS vai tendo seus pressupostos explicitados e alguns de seus mecanismos teóricos alterados ou substituídos para que se consiga, em melhores condições, a realização da tarefa que a teoria se impunha, ou seja, a descrição do sistema computacional capaz de definir, gerativamente, as línguas naturais (BORGES NETO, 2004: 110) .

*Aspects of the theory of syntax*, publicado em 1965, surge como síntese das mudanças que se processaram na primeira versão da teoria, o *Syntactic Structures*. Neste livro encontramos uma nova configuração para a Gramática Gerativa. Este novo modelo ficou conhecido como Teoria-Padrão, doravante TP.

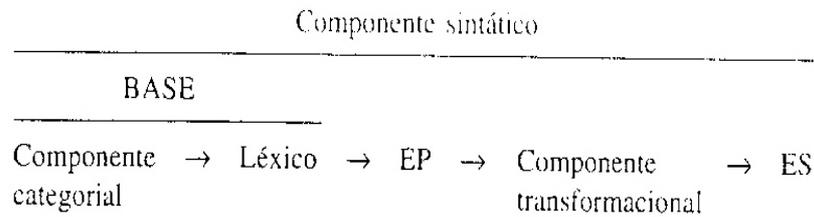
Ainda sobre o embate das duas teorias, GG de um lado e EA de outro, Lyons (1987: 170) complementa “O gerativismo é normalmente apresentado como tendo se desenvolvido da, ou como reação à escola anteriormente dominante do descritivismo americano pós-bloomfieldiano: uma versão particular do estruturalismo”.

De acordo com Borges Neto (2003), na TP a forma da gramática tem três componentes maiores: um componente sintático, que é gerativo, e dois componentes interpretativos, o componente semântico e o componente fonológico. O processo de geração de sentenças se inicia no componente sintático que tem a seguinte estrutura: um subcomponente de base (BASE), que gera as estruturas profundas (EP) e um componente transformacional, que converte as EPs em estruturas superficiais (ES). A estrutura abaixo propõe uma visualização do modelo<sup>12</sup>:

---

<sup>12</sup> Algumas noções mais internas da GG são retomadas por Tarallo & Kato (1989) no momento de fundação da SP com o objetivo de justificar seu movimento do intra ao inter (ou vice-versa), melhor dizendo, da GG a Sociolingüística Variacionista. Achemos interessante neste momento conhecer alguns desses conceitos para ajudar-nos em nossas leituras realizadas nos últimos capítulos.

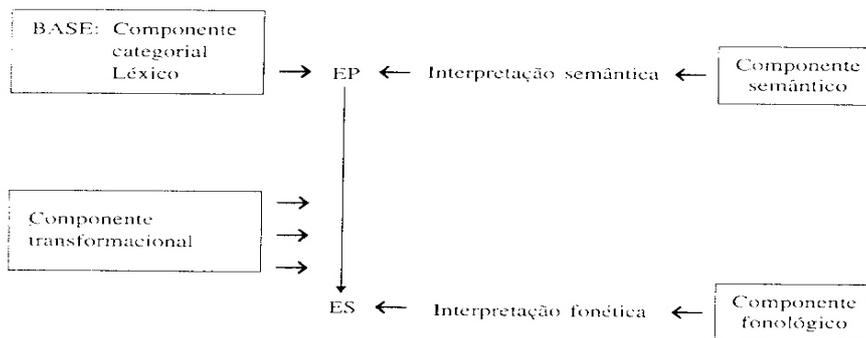
**FIGURA 1**



FONTE: Borges Neto (2004: 112)

Descrevendo melhor o modelo, Borges Neto propõe a Figura 2, em que observamos o componente semântico associando interpretações semânticas às EPs, e o componente fonológico associando interpretações fonéticas às ESs:

**FIGURA 2**



FONTE: Borges Neto (2004: 112)

Com base em Borges Neto (2004), vimos que este modelo foi modificado pelo próprio Chomsky como resposta à Semântica Gerativa. O novo modelo ficou conhecido como teoria padrão estendida (TPE). Não se trata de uma nova teoria. É a velha somada com novas teorias, sendo que a mais importante é a teoria X-barra. Ocorre também uma mudança de como o léxico é visto, e muitos fenômenos que eram tratados via transformações passam a ser tratados a partir das relações lexicais.

Entre superficial e profundo, encontra-se uma nova dicotomia que pode ser comparada ao interno/externo, sendo que o profundo está para o interno e o superficial para o externo.

Se consideramos a fundação de uma teoria uma operação, retomamos Henry (1992: 110), que afirma “Na prática, há sempre um **resíduo** [...]” (grifo nosso). As discussões entre estrutura profunda e superficial trazem a tona esse resíduo que acaba por promover um cisma dentro da GG.

Em *Aspects* se depreende um conceito importante para nosso estudo, a definição de falante para Chomsky, que acaba por encaixar essa teoria no eixo interno/externo, conforme Henry (1992), localizando-se no eixo interno a definição de falante/ouvinte para a GG.

#### 1.4.1 O falante/ouvinte para a GG

No segundo capítulo desta dissertação, quando nos preocuparmos com o surgimento da Sociolinguística Variacionista, veremos que a definição de falante/ouvinte ideal é usada por Weinreich, Herzog & Labov para refutar pressupostos da GG. Na definição de Chomsky (1978: 83), encontramos:

a teoria lingüística tem antes de mais como objecto um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade lingüística completamente homogênea, que conhece a sua língua perfeitamente, e que, ao aplicar o seu conhecimento da língua numa performance efectiva, **não é afectado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais e característicos)**. (grifo nosso)

Aliado às características desse falante, Faraco (2005) fala da hipótese fortemente inatista adotada pela GG. Por exemplo, com relação à mudança estrutural, o autor considera que ela está condicionada pela configuração biológica do cérebro desse falante. Sobre essa característica, explica:

Esse biologismo acaba desembocando, por consequência lógica, numa proposta teórica algo paradoxal: para ela há, nas línguas, mudanças, mas não propriamente história (cf. Lightfoot, 1981), já que todas as mudanças estruturais possíveis estão *a priori* definidas pela forma do cérebro, sobrando pouco ou quase nenhum espaço para as contingências da vida social e histórica dos falantes concretos. À teoria geral da gramática cabe apenas explicitar essas mudanças autorizada pelo cérebro (FARACO, 2005: 175).

Esse biologismo presente na GG é um dos fatores que a diferenciam da Sociolingüística Variacionista. Como veremos no próximo capítulo, a SV está sustentada por uma forte ligação com o social; conforme Henry (1992: 114): “Segundo as teorias, a ênfase é posta seja sobre o psicológico, seja sobre o **social**” (grifo nosso). A GG, por outro lado, liga-se ao psicológico/biológico. Nesse aspecto é que propomos uma relação entre o psicológico/biológico/interno e o social/externo.

### 1.5 Princípios e parâmetros

Borges Neto (2004) ressalta que *Princípios & parâmetros*, doravante P&P, surge em um momento em que o Programa Gerativista se viu na necessidade de restringir o poder descritivo da gramática para aumentar seu poder explicativo.

Sobre este período, Chomsky (1995: 51) esclarece:

A teoria dos Princípios e Parâmetros (P&P) não é um sistema teórico articulado de modo preciso, mas sim uma abordagem particular de problemas clássicos do estudo da linguagem, guiada por determinadas idéias-chave que vêm tomando forma desde as origens da gramática generativa moderna, há cerca de 40 anos.

Seguindo Borges Neto (2004) e sua visão deste período da GG, detemo-nos em sua explanação sobre a necessidade de uma teoria ser explicativamente adequada quando reproduz o comportamento de uma criança que adquire linguagem. O lingüista propõe que, para atingir uma adequação descritiva para todas as línguas naturais, é necessário existir mecanismos teóricos suficientemente ricos e variados para cobrir toda diversidade das línguas naturais. A palavra de ordem, de acordo com ele, é explicar e não só descrever. Ressalta que, a partir deste momento, ou seja, após P&P, a tarefa de propor condições restritivas sobre o funcionamento das regras passa a ser a prioridade do programa. O foco de atenção deixa de ser a adequação descritiva e passa a ser a adequação explicativa.

No modelo P&P a teoria parece estar mais preocupada com explicações individualistas de diversas línguas. É o que Tarallo falará sobre variação intra- e inter-lingüística. Sobre este ponto, Raposo (1999: 16) informa:

recordemos a arquitectura da linguagem proposta no modelo teórico P&P. A investigação lingüística é individualista: pretende-se estudar os aspectos da mente do Manuel, da Maria, da Alexandra, da Clara (ou do Yuri, do Sven, do Jones, do Wang,...) que têm a ver com a sua compreensão e uso da linguagem; e **não objectos “externos” altamente abstractos e de natureza sociológica, como o “português”, o “inglês”, o “chinês”, o “russo” ou o “islandês”, objectos que, para além disso, têm um estatuto ontológico duvidoso.** (grifo nosso)

Observamos que Raposo define bem o objeto de estudo em P&P, localizando-o no eixo interno, afastando-o de qualquer preocupação com o externo.

Mioto; Lopes; Silva (2000) destacam o carácter biológico do modelo gerativista, ao postularem que o homem possui em seus genes uma faculdade da linguagem, alocada no cérebro humano, que de certa forma distingue os homens de outros seres do planeta. Considerando esta hipótese, os autores continuam falando sobre as especificidades dos órgãos/partes do corpo humano que desempenham diferentes funções no controle das atividades humanas. A parte responsável pela linguagem desempenha atividades relacionadas à língua e tem diferentes especificidades. Eles afirmam que a faculdade da linguagem não é parte da inteligência como um todo, mas é específica para lidar com as línguas naturais.

Ampliando tal hipótese, consideram que dentro desta parte responsável pela linguagem há módulos responsáveis por diferentes funções relacionadas à linguagem, que, por exemplo, haveria um módulo responsável pela estruturação das sentenças das línguas.

Desenvolvendo seu modelo, afirmam que poderíamos ser levados a crer que as línguas do mundo são idênticas, já que o código genético é o mesmo para todos os seres humanos. Porém, informam que há diferenças entre as línguas. Por exemplo, o chinês é diferente do português em vários aspectos, fonéticos, semânticos e sintáticos. Sobre a hipótese que explica a diferença entre as línguas, explanam os autores:

nosso modelo tem uma solução para este aparente paradoxo articulada a partir de duas noções: Princípios e Parâmetros. A faculdade da linguagem é composta por princípios que são leis gerais válidas para todas as línguas naturais; e parâmetros que são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas. Uma sentença que viola um princípio não é tolerada em nenhuma língua natural; uma sentença que não atende a uma propriedade paramétrica pode ser gramatical em uma língua e agramatical em outra (MIOTO; LOPES; SILVA, 2000: 26).

Como observamos em P&P, a lingüística gerativa abandona o velho modelo de regras específicas e passa um modelo de princípios que tenta justificar representações gramaticais.

## **1.6 Considerações Finais**

Neste capítulo, fizemos uma incursão pela GG, a partir da qual pudemos destacar três momentos históricos importantes, conforme Borges Neto (2004): 1) *Syntactic Structures*, 2) *Aspects of the theory of syntax* e a Teoria-Padrão e 3) a fundação da Teoria de Princípios e Parâmetros.

Antes, porém, apoiados em Faraco (2005), buscamos destacar certa aproximação entre GG e Estruturalismo, evidenciada por uma preocupação com estudos diacrônicos representados pelas tipologias. Sobre os estudos tipológicos, informamos que ainda não esgotamos este tema e o retomaremos nos capítulos vindouros.

Em cada momento da GG salientamos a dicotomia interno/externo. No primeiro momento, encontramos indícios de um impasse semântica x sintaxe. Em *Aspects*, buscamos a clássica definição chomskyana de falante/ouvinte ideal, e em P&P o conceito a dicotomia princípios/parâmetros.

Pudemos concluir com nosso estudo que a GG possui características que a localizam no pólo interno de um eixo, conforme observado por Henry (1992). Interno que ora é representado pela própria definição de falante, ora pela homogeneidade, e ora pelo forte biologismo/psicologismo presente nos momentos destacados da GG.

# **Capítulo 2**

## **A Sociolingüística Variacionista**

## 2.1 Introdução

Segundo Tarallo (2005), as pesquisas variacionistas, encabeçadas por Labov, surgem como resposta à falta do componente social olvidado por Chomsky e a GG. E como se caracteriza esse componente social ausente na GG? Ao longo desse capítulo, pontuaremos as inovações trazidas pela SV, principalmente no que tange à proposta de um modelo de análise da mudança/variação.

Retomando a observação de Tarallo (2005), faz-se necessário que comecemos a refletir sobre o conceito de complementaridade proposto por Henry (1992) e que será trabalhado com maior cuidado na parte desta dissertação em que serão analisados os dados. Se uma teoria surge em resposta à outra, será que necessariamente existe uma relação entre elas? Sobre este movimento de relação ou união entre as teorias apoiamos em Henry (TARALLO, 2005: 115) e sua afirmação de que não há lugar no campo da complementaridade para a lingüística e é deste lugar que arquitetamos nosso trabalho.

Antes, porém, convém examinar minuciosamente as discussões propostas por Weinreich, Labov & Herzog e a fundação de uma teoria da mudança, que vem ser o carro chefe do que hoje conhecemos como Sociolingüística Variacionista. O texto fundador da SV, *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, de WLH, segundo Faraco (2006), foi elaborado, em primeira versão, para ser apresentado em um simpósio na Universidade do Texas em 1966. Do ponto de vista cronológico, a SV surge após a fundação da GG proposta, primeiramente, em *Syntactic Structures* em 1957. Definimos a seguir que inovações foram trazidas por essa teoria ao panorama lingüístico, mas cabe lembrar que reflexões sobre o tema variação e mudança já faziam parte da agenda lingüística até mesmo antes de Saussure, e, como referência, pode-se pensar, assim como os fundadores da SV, na escola neogramática e, sobretudo, em Hermann Paul.

Vale acrescentar que resenhar o texto fundador da SV é lugar comum em dissertações da área da Sociolingüística, porém sua tradução comercial para a língua portuguesa só passou a estar disponível no Brasil em 2006, sendo seu tradutor o lingüista Marcos Bagno. Nos tópicos a seguir, tentaremos dissecar como esses três posicionamentos diferentes, o de Paul, Saussure e Chomsky, ora vistos em forma de teoria, ora personificados, contribuem para a construção desse texto fundador.

Buscando mais entender a SV, recorreremos separadamente a Tarallo<sup>13</sup> e a Labov. Do primeiro, destacamos alguns pontos de sua incursão pela SV. Porém, muito antes dos dois, é interessante lembrarmos que as preocupações com a mudança lingüística fazem parte de uma disciplina maior, conhecida como Lingüística Histórica, doravante chamada de LH.

## 2.2 Do que trata mesmo a Lingüística Histórica?

Buscamos em Faraco (2005) as definições dessa disciplina, que fazia parte dos estudos de língua(gem) muito antes da fundação da Lingüística Científica por Ferdinand de Saussure. Faraco chama-nos a atenção para a confusão que existe entre a LH e a *História da Lingüística*. Segundo ele, a segunda se preocupa em estudar a história de uma ciência, voltando a suas origens e seu desenvolvimento no tempo, enquanto a primeira está preocupada em estudar as mudanças que ocorrem nas línguas humanas, à medida que o tempo passa.

O autor chama-nos a atenção para a cientificidade da LH, afirmando que ela se preocupa com a mudança e com o material empírico produzido por essa mudança:

A lingüística histórica ocupa-se, então, fundamentalmente com as transformações das línguas no tempo; e os lingüistas que nela trabalham procuram surpreender, apresentar e compreender essas transformações, orientando-se, na execução dessas tarefas, por diferentes sistemas teóricos (FARACO, 2005: 91).

Nesta perspectiva, a SV é um desses sistemas que pretende propor um modelo para a análise da mudança lingüística. O autor, então, propõe uma definição de Sociolingüística:

entende-se por sociolingüística o estudo das correlações sistemáticas entre formas lingüísticas variantes (isto é, entre diferentes formas de dizer a mesma coisa) e determinados fatores sociais, tais como a classe de renda, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes (FARACO, 2005: 184).

Desta definição destacamos os fatores sociais como lugar do externo. É deste ponto que pensamos nas inovações propostas pela SV, e uma delas é a ruptura com o

---

<sup>13</sup> No quarto capítulo, Kato (1993: 16) define Tarallo como lingüista intra-variacionista.

mentalismo (lugar do interno) presente em muitos dos sistemas teóricos anteriores à fundação da Sociolingüística.

### 2.3 O movimento de fundação de uma teoria

Como dissemos anteriormente, a tradução comercial no Brasil do livro *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* ocorre tardiamente, se consideramos como data inicial a apresentação deste trabalho na Universidade do Texas em 29 e 30 de abril de 1966 segundo Faraco (in WLH 2006, p. 9). Passaremos neste momento a uma apresentação dos principais pontos dessa obra. Optamos por apresentá-la privilegiando a visão que têm os fundadores Weinreich, Labov & Herzog. Melhor dizendo, a fundação de sua teoria está construída sob um substrato: Escola Neogramática, Estruturalismo e Gerativismo. Entenda-se substrato não como um lugar estanque, fixo, ao contrário, este termo deve ser entendido mais como lugar de conflito, de onde nasce a SV<sup>14</sup>.

Existe uma vasta bibliografia que trata da SV. Muito foi escrito e falado sobre essa teoria. Não é nosso objeto de estudo nesse trabalho promover uma “dissecação” dessa teoria, até porque interessa-nos a teoria em seu sentido *lato* para que possamos melhor entender a SP. Portanto, foge de nossos objetivos oferecer uma reflexão detalhada dessa teoria. Buscamos, sim, o conceito de língua que emerge da proposta de WLH. Algumas vezes, nesse capítulo, usaremos a oposição interno-externo. Trata-se de um recurso que aos poucos revelará ao leitor a concepção de falante desenhada pelos fundadores (muitas vezes utilizaremos a expressão “fundadores” para nos referirmos à tríade WLH).

Podemos citar como texto contemporâneo ao texto dos fundadores “As dimensões da Sociolingüística” de William Bright. A pertinência em citar esse texto está em mostrar que as propostas por WLH não eram de todo novas. Já havia definições formuladas similares às pensadas pelos fundadores. Por exemplo, com respeito ao papel

---

<sup>14</sup> Entendendo o criador e a criatura, recorremos a Freud (1996: 22), em *Cinco Lições de Psicanálise*, um dos textos iniciais da Psicanálise: “porém as teorias completas não caem do céu e com toda a razão desconfiarão se alguém lhes apresentar, logo no início de suas observações, uma teoria sem falhas, òtamente rematada. Tal teoria só poderá ser filha de sua especulação e nunca do fruto da pesquisa imparcial e desprevenida da realidade”. Nesta citação, encontramos uma explicação da impossibilidade de que uma teoria seja completa, para o pai da Psicanálise é necessário que ela vá amadurecendo com o passar do tempo.

da Sociolinguística, Bright (1974: 17) afirma que “*A tarefa da sociolinguística é, portanto, demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção.*”

Sobre o termo sociolinguística, Bright (1974) afirma que aparece em Currie (1952) um dos registros mais antigos da palavra. Propomos neste momento uma reflexão sobre o termo “Sociolinguística Variacionista” (SV). Parece haver uma tentativa de deixar como sinônimos os termos Sociolinguística Variacionista e Sociolinguística Laboviana. Nesta dissertação, consideramos como SV a teoria proposta primeiramente por WLH e como Sociolinguística Laboviana, doravante SL, uma extensão da teoria proposta pelos fundadores e encabeçada por William Labov.

Tarallo (1989) chama-nos atenção para uma “outra” Sociolinguística que ele chama de Quantitativa. Segundo ele, também é inaugurada por Labov em 1963 em seu clássico estudo sobre a centralização de ditongos em *Martha’s Vineyard*, na ilha de Massachusetts.

Porém, como vimos no item anterior, muito antes de Bright, Labov e outros, as preocupações com a mudança linguística fazem parte de uma disciplina maior, a Linguística Histórica.

### **2.3.1 Saussure e o *Cours* segundo WLH**

WLH (2006) iniciam seu estudo levando-nos a pensar nos problemas que causam para a Linguística as observações de Saussure com respeito a diacronia e sincronia. Segundo os autores, a preferência pela sincronia faz com que Saussure defina claramente que a mudança linguística não seria objeto de seus estudos. Na verdade, a fundação da Linguística Científica por Saussure cria a imposição de que o linguista se defina entre o estudo da estrutura ou o estudo histórico da língua. Talvez dessa imposição saussuriana venha a noção equivocada de que os estudos históricos deveriam ser totalmente desprezados, pois na agenda linguística dessa época era a sincronia que estava no centro das investigações linguísticas, não a diacronia. WLH (2006) começam rebatendo este posicionamento, uma vez que não é possível falar de mudança linguística permeada pelo componente social, como também concorda Tarallo (1996), sem olhar o componente histórico.

Nota-se, nesse texto fundador, que a leitura de Saussure feita pelos fundadores da SV serve para que sua teoria esteja alicerçada, seja pela contraposição de idéias, seja pela concordância. Alguns aspectos já criticados por outros autores são apontados, entre eles a já citada imposição da sincronia, a visão de língua homogênea e a impossibilidade de sistematização da *parole*. Dizem os fundadores):

gostaríamos aqui de rastrear as origens da antinomia estrutura-história na teoria dos neogramáticos; nos deteremos particularmente em Hermmann Paul, que parece ter sido o primeiro a isolar a língua do indivíduo como o mais legítimo objeto do estudo lingüístico. Apresentaremos o agravamento do paradoxo no período saussuriano, quando a **homogeneidade** da língua – considerada passível de ser encontrada no idioleto – foi formulada como um pré-requisito para a análise (WLH, 2006: 33). (grifo nosso)

Já notamos, anteriormente, pontos conflitantes no que se refere à definição do falante/ouvinte para SV e, para as teorias que a antecederam, no que se refere à mudança lingüística (na visão dos fundadores, a Escola Neogramática e o Estruturalismo). De um falante “psicologizado”, segundo WLH, nas duas últimas, passamos a um falante “socializado” na SV.

Para os autores, dos neogramáticos a Saussure, não há alteração no pensamento com respeito à individualidade da língua, pois nas duas teorias acredita-se que “as relações entre elementos de uma língua se localizam na consciência do falante” (WLH, 2006: 55).

Destacamos, porém, que Saussure diz o contrário. É no CLG que buscamos nossa leitura do pai da lingüística científica:

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação, da qual trataremos na p. 142 (SAUSSURE, 2006: 22).

Com relação ao posicionamento da língua psicológico/social, Saussure explica:

o estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e **independente do indivíduo**; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objetivo a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física (SAUSSURE, 2006: 27, grifo nosso).

Ainda sobre o posicionamento de Saussure com respeito à língua, destacamos:

a língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos (ver p. 21). Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e **independa da vontade** dos depositários. Esse modo de existência da língua pode ser representado pela fórmula:  $1 + 1 + 1 + 1 \dots = I$  (padrão coletivo) (SAUSSURE, 2006: 27, grifo nosso).

Notamos que os fundadores da SV têm uma leitura particular do CLG que foge aos objetivos dessa dissertação, uma vez que nosso interesse é a fundação da Sociolingüística Paramétrica.

### 2.3.2 Hermman Paul e os neogramáticos segundo WLH

Como dissemos anteriormente, para construir o posicionamento sociolingüístico, os fundadores precisaram se apoiar nas teorias que existiam para construir sua própria, concordando e refutando. Quando falam de Paul, falam como se ele pudesse representar toda uma escola de pensamento, a Tradição Neogramática:

o ápice dessa investigação foi atingido por Hermann Paul (1880), que desenvolveu a idéia de que a língua do falante-ouvinte individual encerra a natureza estruturada da língua, a coerência do desempenho falado e a regularidade da mudança. Isolando a língua do indivíduo do uso lingüístico do grupo, Paul desenvolveu uma dicotomia, que foi adotada por gerações de lingüistas posteriores e que subjaz como tentaremos mostrar, na base dos paradoxos do século XX acerca da mudança lingüística (WLH, 2006: 39).

Quando nos referimos anteriormente à personificação, estávamos falando do estatuto que tem Paul para a obra fundadora da SV. Segundo WLH (2006), em suas observações acerca de Paul, a língua do falante/ouvinte individual, para ele, encerra a natureza estruturada da língua.

Um dos pontos importantes tratado neste texto fundador é o reconhecimento de Paul como o primeiro a isolar a língua do indivíduo como mais legítimo objeto do estudo lingüístico. Salientamos que esse ponto é importante para os fundadores, pois segundo eles o preço desse isolamento é o surgimento da oposição indivíduo e

sociedade. Ao que se propôs fazer Paul, inicialmente, este objeto (o idioleto) poderia suprir suas necessidades teóricas, porém ele mesmo notou que seria necessário construir uma ponte teórica para passar do objeto da lingüística, único e individual, para uma entidade transindividual.

Esta oposição individual-social é importante para que se possa começar a pensar a definição de falante para a SV em oposição ao falante individualizado e “psicologizado” de Paul. Retomamos neste momento a oposição interno-externo, já citada.

A mudança lingüística pensada por Paul é observada apenas em nível fonético. Os fundadores distinguem em seu pensamento duas mudanças: a mudança num idioleto e a mudança no uso lingüístico. Notamos, nesse ponto, que os fatores sociais, chamados pela SV de variáveis lingüísticas, não eram observados ainda como padrões de análise para a mudança. Tal fato deve-se, primeiramente, à posição internalizada da língua para Paul. Foi necessário que a SV, sobretudo seus fundadores, começasse a questionar a importância das variáveis lingüísticas para entender a mudança lingüística.

O falante/ouvinte que emerge da teoria de Paul, pelas lentes fundadoras da SV, é psicológico. Avançando um pouco em nossa análise, poderíamos ousar uma comparação do falante de Paul, portador de um *locus*, um lugar psicológico, que abriga o idioleto, seu objeto, com o falante da GG, o falante inatista. É possível aproximá-los?

Essa aproximação não está clara no texto, mas chama-nos a atenção – embora WLH não utilizem a terminologia “inatista” quando se referem a Paul – que, para ele, a gramática está internalizada em um falante, um falante psicológico. De acordo com os autores, a psique do indivíduo é o lócus que abriga todo o emaranhado chamado de língua (WHL, 2006: 40). Não podemos afirmar que há similaridade entre as duas teorias, mas podemos sim dizer que, em certa hora, ambas tentam explicar o mesmo objeto internalizado, e, para isso, preferem usar um caminho relacionado à psicologia.

Esta hipótese também é reforçada por WLH quando se referem à GG:

embora a lingüística gerativa até agora tenha abordado os problemas históricos apenas de modo marginal, há diversos pronunciamentos teóricos registrados, sugerindo que a concepção neogramático-descriptivista de um sistema homogêneo como único objeto legítimo de análise foi adotada por esta escola de pensamento. (WHL, 2006: 60).

Passaremos agora ao posicionamento dos Fundadores da SV com respeito à Gramática Gerativa.

### 2.3.3 A gramática gerativa segundo WLH

Como já citamos, os autores acreditam que há pontos de convergência entre a Escola Neogramática e a GG, principalmente no que se refere à concepção de um sistema homogêneo como objeto de estudo. Esta idéia de língua como sistema homogêneo é totalmente oposta aos princípios da SV segundo Tarallo, na introdução de seu livro *A Pesquisa Sociolingüística*:

tudo aquilo que não pode ser prontamente processado, analisado e sistematizado pela mente humana provoca desconforto. Na verdade, a reação humana frente a caos, seja ele de que natureza for, é de ansiedade. Este livro propõe a você maneiras possíveis de se combater o “caos” lingüístico: você irá enfrentar o desafio de tentar processar, analisar e sistematizar o **universo aparentemente caótico** da língua falada (TARALLO, 2005: 5, grifo nosso).

Destacamos a oposição sistema homogêneo x universo aparente caótico, que aponta para o sistema heterogêneo, proposto pela SV.

Um dos pontos conflitantes e inaceitáveis pelos Fundadores é a definição de falante/ouvinte para a GG:

a teoria lingüística se ocupa de um falante-ouvinte ideal, numa comunidade de fala completamente homogênea, que conhece sua língua perfeitamente e não é afetado por condições gramaticais irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, alterações de atenção e interesse, e erros (aleatórios ou característicos) ao aplicar seu conhecimento da língua em desempenho real (CHOMSKY, 1965: 3 apud WLH, 2006: 60).

As críticas mais acirradas a esta definição, segundo WLH, devem-se à homogeneidade exigida por essa teoria. O objeto de análise da teoria lingüística é a competência de um falante/ouvinte ideal, fiel representante dessa suposta homogeneidade. A comunidade interessa na medida em que a homogeneidade seja respeitada.

Segundo os Fundadores, a diversidade (heterogeneidade) não é considerada por nenhum dos antecessores à fundação da SV, incluindo-se Paul, Bloomfield, Saussure e, é claro, Chomsky. Refutando as idéias chomskianas, afirmam que os desvios de um

sistema homogêneo não são erros aleatórios de desempenho, mas são em alto grau codificados e estão relacionados à descrição realista da competência do falante/ouvinte de uma comunidade de fala.

## **2.4 Bases de uma teoria**

No decorrer do texto, os fundadores procuram solucionar vários problemas para a formulação de sua teoria, sempre com uma preocupação empírica. Destacamos alguns pontos que, segundo eles, uma teoria deve se preocupar em responder: “Também nos preocupam os métodos para relacionar os conceitos e postulados de uma teoria da mudança à evidência empírica – ou seja, evidência baseada em regras para a concordância intersubjetiva” (WLH, 2006: 121).

Julgamos importante conhecer um pouco sobre esses problemas para que possamos ter uma idéia geral das bases da SV.

Na leitura que faz do texto fundador, Faraco ressalta: “Alertam o leitor para o fato de que não estão apresentando uma teoria da mudança lingüística plenamente elaborada, mas um conjunto de fundamentos empíricos dos quais nenhuma teoria pode escapar” (FARACO, 2006: 17).

Apresentamos, a seguir, os problemas levantados pelos fundadores.

### **2.4.1 O problema dos fatores condicionantes**

Refletindo sobre os fatores condicionantes, os fundadores acreditam que é possível determinar o conjunto de medidas possíveis e condições possíveis para a mudança. Sobre esse ponto informam que, até o momento da publicação do texto fundador, combinações de fatores lingüísticos e sociais ainda não haviam sido observadas. Chamam-nos também a atenção para variáveis que se originam de estereótipos sociais com estratificação social, afirmando que nenhuma delas, em um estágio posterior, emergiu como uma variável social sem troca estilística.

### **2.4.2 O problema da transição**

Neste ponto, o problema a ser resolvido por WLH (2006) é encontrar o caminho, definir a trilha que faz com que a estrutura *A* evolua para a estrutura *B*. Concluem que a teoria da mudança lingüística pode aprender mais com os chamados dialetos transicionais do que com os dialetos nucleares. Diante disso afirmam que não há vantagem em distinguir entre mudança intradialetal e mistura de dialetos.

Chamam-nos a atenção para a possibilidade de observar a mudança via observação do traço arcaico/inovador, desta forma podemos observar a mudança da língua enquanto ocorre.

De acordo com esses pressupostos definem que “A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta” (WLH, 2006: 122)

### **2.4.3 O problema do encaixamento**

Sobre o encaixamento, os fundadores destacam que não há discordância de que as mudanças lingüísticas devem ser vistas como um todo dentro do sistema lingüístico. Dois tipos de encaixamento são citados.

No primeiro, encaixamento na estrutura lingüística, WLH chamam a atenção para a necessidade de ampliação da visão do lingüista, que deve ir além do idioleto, para que não ocorram “mistérios dialetais”. Definindo seu modelo de língua afirmam:

o modelo de língua proposto aqui tem (1) estratos discretos, coexistentes, definidos pela co-ocorrência estrita, que são funcionalmente diferenciados e conjuntamente disponíveis a uma comunidade de fala; e (2) variáveis intrínsecas, definidas por co-variação com elementos lingüísticos e extralingüísticos (WHL, 1986: 123).

São interessantes as conclusões dos autores com relação à mudança e ao movimento do sistema<sup>15</sup>. Eles afirmam que a mudança se dá gradualmente de um pólo a outro.

No segundo, encaixamento na estrutura social, trazem a nosso conhecimento que a estrutura lingüística mutante está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da

---

<sup>15</sup> No quarto capítulo retomamos este assunto apoiados em Assis (2004).

comunidade de fala. Dessa maneira, as variações sociais e geográficas se tornam elementos intrínsecos da estrutura. Neste ponto, ressaltam o papel do linguísta que, segundo eles, não é demonstrar a motivação social de uma mudança, mas sim determinar o grau de correlação social e como isto se relaciona com o sistema lingüístico abstrato.

#### **2.3.4 O problema da avaliação**

De acordo com WLH (2006), a teoria da mudança lingüística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. Diante disso, trazem-nos a consciência social como fator importante para que se determine a mudança lingüística. Entre os correlatos subjetivos da mudança e os padrões cambiantes, concluem que os primeiros são mais importantes para que se entenda o processo contínuo de mudança.

#### **2.3.5 O problema da implementação**

Os fundadores consideram a implementação como um enigma, pois são vários os fatores que influenciam a mudança. Segundo eles, a mudança lingüística é mudança no comportamento social, então não devemos nos surpreender com hipóteses preditivas. Desta parte, extraímos que uma mudança lingüística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Complementando, afirmam:

Este traço lingüístico então assume uma certa significação social – simbolizando os valores sociais associados àquele grupo (cf. Sturtevant 1947: 81ss.). Uma vez que a mudança lingüística está encaixada na estrutura lingüística, ela é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema (WLH, 2006: 124).

Diante do exposto, passaremos agora às conclusões dos fundadores.

#### **2.4 Os fundadores concluem**

Como objetivo de seu texto, WLH enunciam certas propostas acerca dos fundamentos empíricos de uma teoria da mudança. Destacam que é necessário observar alguns pontos sobre a natureza dessas mudanças, são eles:

1. A mudança lingüística não deve ser identificada como deriva aleatória
2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão.
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança lingüística através da estrutura lingüística não é uniforme nem instantânea.
5. As gramáticas em que ocorre a mudança lingüística são gramáticas da comunidade de fala.
6. A mudança lingüística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família.
7. Fatores lingüísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança lingüística.

## 2.5 A SV para Labov

*Linguagem é uma forma de comportamento social*

W. Labov

### **\*O posicionamento no eixo interno/externo**

Em um capítulo que pretende dar um panorama geral acerca da proposta de WLH, cuja evolução é o que conhecemos hoje como SV, cabe destacar alguns pontos do pensamento de um de seus fundadores, o qual recebeu maior destaque, e, por isso, é considerado como pai da Sociolingüística: Willian Labov. Nessa dicotomia entre o interno e o externo nas teorias lingüísticas, observa Henry (1992: 114): “Segundo as teorias, a ênfase é posta seja sobre o psicológico, seja sobre o social”. Posicionamos a SV no eixo externo.

Assim Labov reflete sobre o termo sociolingüística:

*This type of research has sometimes been labelled as “sociolinguistics” although it is a somewhat misleading use of an oddly redundant term. Language is a form of social behavior:*

*statements to this effect can be found in any introductory text (LABOV, 1972: 183).*<sup>16</sup>

É interessante observar como esses dizeres de Labov contradizem o pensamento de Paul citado por WLH e analisado nesta dissertação. Se um considera a língua como forma de comportamento social, e mais adiante afirma “*Children raised in isolation do not use language; it is used by human beings in a social context, communicating their needs, ideas, and emotions to one another*”<sup>17</sup>, notamos um ponto de divergência com a teoria de Paul, que acreditava ser necessário isolar o indivíduo para entender o fenômeno da mudança<sup>18</sup>. Notamos uma oposição de interno/externo: para Paul, a língua se relaciona com o interno; para Labov, com o externo<sup>19</sup>.

Segundo Henry, o interno/externo corresponde ao psicológico/social, e “do humano, tudo aquilo que não é de ordem do psicológico, é social e reciprocamente” (HENRY, 1992: 114). Também encontramos em Borges Neto (2003: 60) uma tentativa de definir as filiações da lingüística; com isso, o autor afirma que são três as tendências: sistêmica, psicologizante e sociologizante. Encontramos em suas observações suporte para contrapor o pensamento de Labov ao de Paul, respectivamente, sociologizante x psicologizante.

A linha de raciocínio que seguimos leva-nos a essa oposição interno/externo e sobre ela seguiremos nas definições de Labov acerca de sua própria teoria. Quando Labov compara a lingüística saussuriana e a lingüística proposta por ele mesmo, existe um impasse a ser respondido pela primeira. Labov (1972: 185) observa que a Escola de Genebra de Saussure recebe a alcunha de Escola Social, e que o próprio Saussure define sua teoria como “*une science qui étudie la vie des signes au sein de la vie sociale*” (SAUSSURE, apud LABOV 1972: 185). O pai da sociolingüística vê aí um ponto conflitante entre a teoria e a prática: já que se a língua é vista como social, por que muitos lingüistas, contemporâneos ao pai da Lingüística, ficaram presos a seus próprios gabinetes? Em suas palavras:

---

<sup>16</sup> “Este tipo de pesquisa tem sido rotulada como sociolingüística, apesar de ser um uso equivocado deste termo carregado de grande redundância. Linguagem é uma forma de comportamento social: as bases desse efeito podem ser encontradas em qualquer texto introdutório”.

<sup>17</sup> “Crianças crescidas em isolamento não usam a linguagem; ela é usada por seres humanos em um contexto social, para comunicar suas necessidades, idéias e emoções por outros”.

<sup>18</sup> Ver item 2.3.2

<sup>19</sup> Este posicionamento, como veremos no capítulo 4, coincide com as observações de Henry (1992) sobre as Teorias Lingüísticas.

Yet curiously enough, the linguistics who work within the Saussurian tradition (and this includes the great majority) do not deal with social life at all: they work with one or two informants in their offices, or examine their own knowledge of *langue*. Furthermore, they insist that explanations of linguistic facts be drawn from other linguistic facts, not from any “external” data on social behavior (LABOV 1972: 185, grifo nosso).<sup>20</sup>

Essa idéia é retomada por Tarallo & Kato no texto fundador da Sociolingüística Paramétrica, a de que o lingüista deve preocupar-se com o externo e sair da realidade de seu gabinete.

## 2.6 A SV para Tarallo

*O modelo de análise lingüística proposto por Labov é também rotulado por alguns de “sociolingüística quantitativa”, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados*

Tarallo (2005: 8)

Para melhor sistematizar a sociolingüística proposta por Fernando Tarallo, dividiremos este conteúdo didaticamente em duas partes: uma antes da fundação da Sociolingüística Paramétrica e uma pós-fundação. Neste capítulo, não analisaremos os textos da fundação da Sociolingüística Paramétrica, objeto de estudo dessa dissertação. Acreditamos que essa observação será interessante, pois cremos que haverá uma mudança de posição do autor frente à dificuldade de desenvolver uma teoria que pretende juntar concepções diferentes, por exemplo, de falante/ouvinte, homogeneidade/heterogeneidade. Neste item, discutiremos os conceitos de variável e variante lingüísticas, importantes para a SV.

Em Tarallo (2005), observamos que o autor não quer ocultar os conflitos existentes entre as duas teorias, SV e GG; ao contrário ele começa por citá-los:

---

<sup>20</sup> Tradução: “Já suficientemente curioso, os lingüistas que trabalham com a tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não trabalham de nenhuma forma com a vida social: eles trabalham com um ou dois informantes em seus gabinetes, ou examinam seu próprio conhecimento de língua. Além disso, eles insistem na explicação de que os fatos lingüísticos são desenhados a partir de outros dados lingüísticos, não de nenhum dado externo no comportamento social.”

lembre-se de que, segundo Chomsky (1965), o objeto dos estudos lingüísticos é a competência lingüística do falante-ouvinte ideal, pertence a uma comunidade lingüisticamente homogênea. Dentro desse modelo de análise, você nem deveria aceitar o desafio por mim proposto, uma vez que a comunidade lingüística é homogênea. Não haverá heterogeneidade ou “caos” para se sistematizar! (TARALLO, 2005: 6).

Sabemos que, pela sistematização do “caos”, é possível chegar a essa conclusão de Tarallo. Os fundadores da SV concluem, em seu texto, que as mudanças lingüísticas ocorrem em um sistema.

Tarallo (2005) propõe um método para a SV. Achamos pertinente destacar seu conceito de variante e variáveis lingüísticas e contrapô-lo à definição de Mollica (2003):

Em toda comunidade de fala são freqüentes as formas lingüísticas em variação. Como referimos anteriormente, a essas formas em variação dá-se o nome de “variantes”. “Variantes lingüísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável lingüística” (MOLLICA, 2003: 8).

Contrapondo essa definição à de Mollica (2003):

Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável lingüística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância (MOLLICA, 2003: 11).

Notamos que, para Tarallo, a variável lingüística tem uma relação direta com a variante, sendo que um conjunto de variantes é chamado de variável. Mollica (2003) oferece-nos uma definição mais clara quando frisa: “[...] o termo variável pode significar fenômeno em variação e grupo de fatores.” (MOLLICA, 2003: 11). De acordo com essa definição de variante e variável, concluímos que a de Tarallo está para “fenômeno em variação”.

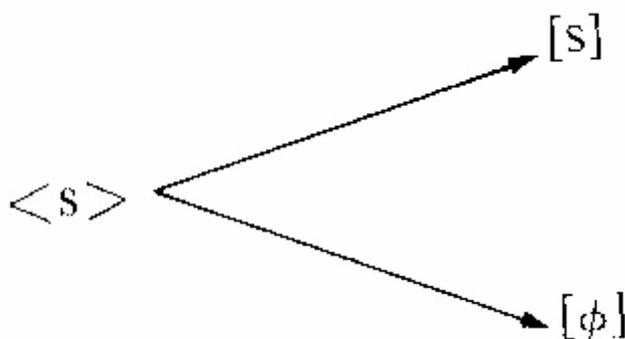
Ainda sobre as variáveis lingüísticas, Mollica (2003) as diferencia em variáveis de natureza **interna** e **externa**<sup>21</sup> à língua. Retornando a Tarallo (2005, p. 8),

---

<sup>21</sup> Sobre os fatores extralingüísticos, Tarallo destaca: “Tudo aquilo que servir de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente lingüístico) poderá ser relevante para a resolução de seu ‘caso’. A formalidade vs. informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua

encontramos uma representação desses conceitos de variável e variante. Segundo ele, a marcação de plural no sintagma nominal encontra-se em estado de variação. Como exemplo, cita “a marcação do plural no SN” (representada abaixo por <s>) e as variantes seriam “presença do segmento fônico” [s] e “ausência do segmento fônico” [∅]. Como podemos observar na seguinte ilustração:

FIGURA 3



Tarallo (2005: 9)

Como já dissemos, esse item justifica-se no reconhecimento de duas fases distintas do fundador da Sociolingüística Paramétrica. Uma em que o autor discute conceitos pertinentes para a SV, como tratamos nesse item, e outra, como veremos nos capítulos 3 e 4 deste trabalho, em que o autor se debruça sobre sua criação: a Sociolingüística Paramétrica.

## 2.7 Considerações Finais

Neste capítulo, pudemos entrar em contato com o surgimento de uma nova teoria: a Sociolingüística Variacionista. Para isso, fizemos uma leitura de seu texto inicial, *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, e definimos três pontos interessantes que merecem destaque. A leitura que fazem os fundadores de Herрман Paul, de Saussure e de Chomsky. Destacamos também, separadamente, alguns pontos

---

escolaridade, faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores” (TARALLO, 2005: 46).

da SV em uma leitura de Labov e de Tarallo. Este estudo proporcionou-nos observar a história da Lingüística com respeito à mudança lingüística. De Paul a Labov, pudemos observar o movimento das teorias lingüísticas pelo eixo interno/externo. Relembrando que a idéia de um eixo onde se posicionam as teorias lingüísticas foi extraída de Henry (1992).

A partir de nossas observações, pudemos localizar a teoria no eixo que aponta para o externo da língua. Nossas reflexões estão fundadas no próprio posicionamento dos fundadores da SV que criticam Hermman Paul e o psicologismo presente em sua obra e também Chomsky e sua posição marcadamente internalista.

# **Capítulo 3**

## **A Sociolingüística Paramétrica**

### 3.1 Introdução

Neste capítulo, analisaremos o momento de fundação da Sociolinguística Paramétrica (SP), proposta feita por Tarallo & Kato, cujo objetivo é compatibilizar duas áreas da lingüística, a Gramática Gerativa, estudada no primeiro capítulo desta dissertação, e a Sociolinguística Variacionista, tema do segundo capítulo.

Partiremos de vários textos, entre eles o fundador “Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística”, com versão preliminar publicada pela editora da UNICAMP em 1989, e *Fotografias Sociolingüísticas* de 1989 (organizado por Tarallo), livro que traz algumas tendências da sociolinguística brasileira. Nele há visões ortodoxas do modelo laboviano, passando por visões críticas, incursões diacrônicas e tipológicas e também trabalhos sociolingüísticos de orientação diferente da correlacional-quantitativa laboviana. Neste momento, seguiremos pontuando as dicotomias, sobretudo o interno/externo, que já apareceram de outras formas nos capítulos anteriores, ora como homogeneidade/heterogeneidade quando nos referimos ao conceito de língua, ora como psicológico/social, ou mesmo mediado pelas definições empiristas e racionalistas. Também citaremos *Português Brasileiro*, de 1993, (organizado por Kato & Roberts), tido como uma homenagem a Fernando Tarallo, morto em 1992.

O objetivo maior nesse momento é explorar nosso objeto de análise para chegarmos aos próximos capítulos desta dissertação, em que passaremos a SP, e conseqüentemente a GG e a SV, pelo crivo da Banda de Moébius, no que diz respeito, às dicotomias interno/externo, social/psicológico, empirismo/racionalismo, presentes em nossa dissertação. A banda é objeto topológico que nos permitirá observar o que não é mostrado por nenhum outro objeto. Também não nos esquecemos do ideal de complementaridade, que parece ser o lugar por onde surge a SP. Para guiar-nos por esse campo, elegemos Henry (1992) e suas observações sobre a Ciência da Linguagem.

Portanto, a fundação da SP, tema deste capítulo, continuará a ser abordada juntamente com nossas análises no capítulo vindouro.

### 3.2 O texto fundador da SP

Consideramos neste trabalho a publicação do texto “Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística” como o momento de fundação da Sociolingüística Paramétrica. Consideramos a SP como uma teoria lingüística, e o que tentaremos neste capítulo é buscar as bases que propiciaram a Fernando Tarallo e Mary Kato (tratados nesta dissertação como fundadores da SP) pensar e, finalmente, publicar este texto em 1989 pela Editora da UNICAMP.

Sobre este período da fundação da SP, Kato (in KATO & ROBERTS 1993: 16) afirma:

Enquanto Fernando e Rosa Virgínia cortejavam-se à distância, trocando cartas e textos, houve o casamento selado de Tarallo, intra-variacionista, com Kato, inter-variacionista gerativista. Em 1989 aparece publicado o **manifesto** da dupla (Tarallo e Kato), “Harmonia trans-sistêmica: variação inter- e intra-lingüística”, cuja versão mais diacrônica (Kato e Tarallo) circulava desde 1987. (grifo nosso)

Destacamos a palavra “manifesto” no texto de Kato por também encontrar em Tarallo & Kato (1989) referência a um manifesto (citado na íntegra mais adiante) que os autores consideram como fundador da Escola Neo-Gramática, sendo que este contrapõe-se à lingüística dominante no final do século XIX, a Lingüística Histórica. Porém, veremos a seguir que Tarallo & Kato omitem no início de seu texto (também considerado um “manifesto”) a autoria deste outro “manifesto”.

Kato (1993) considera a ligação existente entre Fernando Tarallo, quando da fundação da SP, e a lingüista Rosa Virgínia Mattos e Silva. Esta última instituição, segundo ela, “reconhecidamente o centro que se especializou no estudo de textos antigos” (KATO, 1993: 16).

A respeito desta ligação entre Tarallo e Mattos e Silva, Kato (1993: 16) diz:

Com esse trabalho cronologicamente paralelo, mas com objetos cronologicamente distantes, Fernando, o detetive variacionista e Rosa Virgínia, a arqueóloga-estruturalista, vislumbraram o momento de encontro no meio do túnel. Vislumbraram ainda o dia em que seria inevitável um trabalho de colaboração, assim como os ingleses e os franceses, apesar de suas diferenças, acabaram se dando as mãos no túnel do Canal da Mancha.

Retornando ao texto fundador, começamos com uma passagem da qual, a princípio, os autores preferem não citar a fonte:

Iniciamos o presente trabalho de maneira insólita: uma citação clássica retirada de um texto igualmente clássico. Mais insólito ainda é o nosso propósito de mantê-la, ao menos por alguns minutos, em anonimidade. Não se trata, absolutamente, de um jogo de adivinhação, “quebra-cabeças”, ou coisa que o valha. A revelação da identidade do autor (ou quiçá, dos autores?) virá a seu tempo (KATO & TARALLO, 1989: 1).

Aceitamos o jogo dos fundadores e avançamos em nosso texto. Da citação achamos interessante destacar que ela convida os lingüistas a deixarem as atmosferas esfumaçadas dos gabinetes e adentrarem no ar puro da realidade possível. Encontramos nessa proposta um movimento do interno/externo. Acompanhemos na íntegra a citação misteriosa de Kato & Tarallo:

Somente aquele lingüista que, ao menos de uma vez, sai da atmosfera esfumaçada de hipóteses de seu gabinete (...) a fim de colher informações sobre aqueles fatos que teorias cinzentas jamais lhe podem revelar, e somente aquele que para sempre renuncia àquele método de investigação antigamente difundido e ainda muito usado segundo o qual as pessoas observavam a linguagem somente no papel e tudo resolvem através de terminologia, sistemas de regras e formalismo gramatical e acreditam, assim, terem desvendado a essência dos fenômenos ao terem alinhado um nome para a coisa – somente ele poderá chegar a uma idéia correta sobre o modo como as formas lingüísticas vivem e mudam, e somente ele pode adquirir aqueles princípios metodológicos sem os quais nenhum resultado confiável pode jamais ser obtido em investigações sobre a linguagem (...) (KATO & TARALLO, 1989: 1).

Em sua leitura da citação, os fundadores da SP ressaltam o fato de o autor “anônimo” condenar a lingüística de gabinete e, conseqüentemente, a lingüística de regras e formalismos. Para eles a lingüística das ruas, das comunidades, do ar puro, é muito parecida com a lingüística de probabilidades executada pela teoria da variação: “De fato, esse parágrafo com o qual abrimos o presente texto, poderia ser facilmente alocado como introdução a qualquer trabalho sociolingüístico na explicitação dos pressupostos teóricos e metodológicos nele adotados” (KATO & TARALLO, 1989: 1).

### 3.3 Fotografias Sociolingüísticas

*Segundo as antigas, havia uma ave fabulosa que viveu muitos séculos no meio do deserto da Arábia. Diz-se que, ao sentir avizinhar-se a morte, construía um ninho de plantas aromáticas no qual se deitava. Os raios solares incendiavam este ninho e nesse fogo ela se deixava consumir. Da medula de seus ossos nascia então um verme que se transformava em outra ave, da mesma espécie. O nome desta ave, renascida das próprias cinzas é **diacrônica**, – desculpem! –, fênix. (TARALLO, 1984: 95, grifo nosso).*

Sobre seu livro intitulado *Fotografias Sociolingüísticas*, Tarallo informa que esta obra destina-se a revelar à comunidade científica uma parcela da grande quantidade de trabalhos sob o rótulo genérico de Sociolingüística. Daremos destaque neste item a dois artigos publicados na segunda parte deste livro, escritos por Rocha e por Ramos.

Tarallo (1989) assim divide e define os capítulos de seu livro:

Tais estudos dispõem-se em um contínuo que abrange as várias tendências da Sociolingüística que vem sendo desenvolvida em nossos vários centros de pesquisa, revelando desde uma fidelidade maior (e até ortodoxa) ao modelo laboviano (Parte I do livro), até visões mais críticas (Cf. Parte IV), passando por incursões diacrônicas e tipológicas (Parte II) e, ainda, apresentando trabalhos sociolingüísticos de outra orientação que na a correlacional-quantitativa laboviana (Parte III). (TARALLO, 1989: 12).

Observamos que, neste capítulo, estão inseridos os textos de Rocha e de Ramos, definidos pelo fundador da SP como os que apresentam “incursões diacrônicas e tipológicas”.

Faraco chama-nos a atenção para o trabalho com tipologias que, segundo ele, é o de “realizar classificações das línguas humanas” (FARACO, 2005: 169). Em seu dizer, são comuns em lingüística as classificações por critérios de parentesco (chamados erroneamente de classificação genética ou genealógica). Com relação ao tratamento da mudança na GG, Faraco ainda afirma: “a lingüística gerativista, assumindo a noção de parâmetro variável, aproxima suas análises diacrônicas aos estudos tipológicos, um velho tema que tem interessado os lingüistas desde o século XIX” (FARACO, 2005: 169).

Sobre os artigos de Ramos e o de Rocha, Tarallo (1989: 14) destaca:

A fotografia de Ramos, ainda, iguala-se à de Rocha nas hipóteses gerativas fortes que motivam os dois trabalhos, ou seja: os fatos analisados por Ramos permitem uma mais acurada proposta de diferenciação entre os dois dialetos do português, o europeu e o brasileiro; os fatos sobre o sistema de complementizadores analisados por Rocha, por sua vez, projetam por si sós generalizações a respeito do português quando comparado a dialetos de duas de suas línguas irmãs, o espanhol e o francês, bem como quando confrontado com as línguas crioulas.

É interessante observar que essas considerações de Tarallo inserem os artigos de Ramos e Rocha na SP, pois estão guiados pela “harmonia trans-sistêmica”, fruto da união da GG e da SV, na perspectiva de Tarallo & Kato.

Podemos verificar com a seguinte explicação extraída do mesmo texto, a presença dos estudos tipológico nos dois artigos. Como vimos anteriormente<sup>22</sup>, os estudos tipológicos fazem parte de uma agenda lingüística anterior à fundação da Lingüística Científica por Saussure, sendo retomados na GG:

Fortemente marcada pela linha de trabalho desenvolvida em Tarallo (1987), Kato e Tarallo (1998) e Tarallo e Kato (1989), as duas fotografias tipológicas, a de Rocha e, em menor extensão, a de Ramos, apresentadas na segunda parte deste livro, demonstram o alcance que o modelo sociolingüístico laboviano pode ter nas **questões de Tipologia Lingüística**, bem como corroboram a expectativa de que a compatibilidade entre modelos empiristas e mais racionalistas da linguagem é algo a ser buscado nos estudos lingüístico-descritivos sobre o português do Brasil (TARALLO, 1989: 14, grifo nosso).

O embate empirismo/racionalismo é uma das dicotomias tratadas nessa dissertação. Os empiristas são representados pelos sociolingüistas e os racionalistas, pelos gerativistas. Para solucionar o problema entre essas duas formas diferentes de pensar a língua, Tarallo propõe a compatibilização da GG e da SV formando a SP. Porém, a solução insere as teorias no campo da complementaridade. A idéia é um movimento que vai na direção de formar um todo, algo que seja completo, não deixando espaço para o incompleto, para o que falta.

Sobre a controvérsia entre empirismo/racionalismo, Lyons (1987) explica que o empirismo é mais do que a adoção de métodos empíricos de verificação e confirmação. O termo empirista refere-se à concepção de que todo conhecimento provém da

---

<sup>22</sup> Faraco (2005) é quem nos chama a atenção para o fato de a GG recolocar os estudos tipológicos em estudo.

experiência e mais particularmente de dados da percepção e dos sentidos. Já o racionalista é aquele que enfatiza o papel da mente na aquisição do conhecimento. Sustentam, particularmente, a existência de certos conceitos ou proposições apriorísticas (conhecimento independente da experiência) em função dos quais a mente interpreta os dados da experiência.

Na introdução de seu artigo intitulado “Complementizadores no Português do Brasil: Uma abordagem inter e intra-sistêmica”, publicado em Tarallo (1989), Rocha propõe

O objetivo deste trabalho é investigar os Complementizadores no português do Brasil, dentro do modelo teórico proposto por Tarallo (1987) e Tarallo e Kato (1989), que propõe o abandono ou abrandamento da polêmica empirismo x racionalismo, através da postulação de um novo caminho: o da HARMONIA TRANS-SISTÊMICA que, conforme os próprios autores, “resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as possibilidades do modelo variacionista, seja para provar seus espelhamentos e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro” (in TARALLO, 1989: 141).

Observamos que a autora propõe que o embate entre empirismo e racionalismo seja trazido à tona para dar lugar à Harmonia Trans-sistêmica, que propõe a compatibilização da SV e da GG, empirista e racionalista, respectivamente.

### **3.4 Considerações Finais**

Neste capítulo, esboçamos o momento de fundação da Sociolinguística Paramétrica. Passamos pela publicação do “manifesto” de Tarallo & Kato e chegamos à publicação do livro *Fotografias Sociolinguísticas*. Aproveitamos, então, para mostrar o embate existente entre empirismo e racionalismo, uma das dicotomias que emergem desse estudo. De Tarallo (1989) damos destaque ao reconhecimento da presença dos estudos tipológicos na agenda da SP. Para isso citamos os textos de Ramos e de Rocha extraídos também de Tarallo (1989). Acreditamos que a presença da tipologia reforça o movimento de ir e vir das teorias linguísticas.

Henry (1992) considera que as teorias se movem por um eixo polarizado, estando um dos pólos apontado para o interno e outro, para o externo. Como podemos ver, a SP está construída no ideal de complementaridade do interno ao externo.

Nos próximos capítulos, passaremos da fundação da SP a nossos objetos teóricos de análise: o conceito do campo da complementaridade, que extraímos de Henry (1992), e a topologia da Banda de Moébius.

## **Capítulo 4**

# **O campo da complementaridade**

## **4.1 Introdução**

Neste capítulo buscaremos um dos fundamentos de análise para nosso objeto de estudo: o campo da complementaridade. Para isso apoiaremos-nos nas definições de Henry (1992), definindo três posições: há complementaridade, não há complementaridade e há complementaridade na SP.

Sobre a complementaridade na lingüística, evidenciamos ser de um movimento que vai no sentido de completar, de formar um todo. Em Henry (1992) ficam evidenciadas duas posições: a primeira, que resulta da maneira como o autor vê a lingüística imersa no campo da complementaridade; e a segunda, que nega a complementaridade. Ressaltamos outra posição, consonante com a primeira de Henry, e afirmamos: há complementaridade na SP.

Com respeito à complementaridade na SP, destacamos os elementos intra e inter-lingüísticos retirados de Tarallo (1989), sendo estes elementos formadores de uma das dicotomias deste trabalho.

Esperamos, com este estudo, viabilizar as análises que serão realizadas no último capítulo desta dissertação.

## **4.2 Uma análise da complementaridade na fundação da SP**

Em Henry (1992), buscamos a definição para o campo da complementaridade, que, como já dito, é o movimento que vai no sentido do todo. Encontramos neste autor suporte para analisar a fundação da Sociolingüística Paramétrica, utilizando-nos de sua reflexão sobre o chamado “campo da complementaridade”.

Em sua observação sobre a ciência da linguagem, Henry (1992) ressalta que ela emergiu numa conjuntura científica e ideológica cujos eixos podem ser descritos como interno/externo, psicológico/social. Como contraponto à evidência de que a linguagem pode ser enfocada como uma realidade psicológica e como realidade social – nos dizeres do autor: “é inicialmente psicologia e sociologia que encontramos no contexto da Lingüística” (HENRY, 1992: 114) –, questionamos este movimento que tenta unir duas teorias, a SV e a GG.

Pelas lentes desse movimento de complementaridade é que tentamos situar a perspectiva de Tarallo & Kato (1989) na fundação da SP. Do citado texto de Henry,

podemos retirar duas posições: a do próprio autor, que afirma não haver complementaridade na Lingüística – “não há lugar no campo da complementaridade para a lingüística” (HENRY, 1992: 115) – e a posição contrária, que vai na direção da complementaridade. Este posicionamento das teorias lingüísticas e, assim, conseqüentemente, a posição da SP, é o que Henry observa no funcionamento das teorias lingüísticas no campo da complementaridade.

No item 4.2.1, analisaremos o ideal de complementaridade presente na Lingüística. Em 4.2.2, pontuaremos o movimento da SP pelo campo da complementaridade e a função dos prefixos intra- e inter-, para esta teoria. Finalmente, no item 4.3 nos deparamos com a impossibilidade do campo da complementaridade na Lingüística apoiados em Henry (1992).

#### **4.2.1 Há complementaridade na Lingüística?**

De acordo com Henry (1992), na Lingüística, diferentemente de sua posição, como veremos a seguir no item 4.2.3, a complementaridade é uma condição possível “Segundo as teorias, a ênfase é posta seja sobre o psicológico, seja sobre o social” (HENRY, 1992: 114).

WLH (2006), em seu movimento de fundação da SV, observam que não há inovações, de Paul a Saussure, no que tange à individualidade da língua que está localizada na consciência do falante:

Não vemos nenhum indício de que Saussure tenha progredido para além de Paul em sua capacidade de lidar com a língua como fato social; para ele, a pré-condição para lidar com a língua como fenômeno social era ainda sua completa homogeneidade (WHL, 2006: 56).

Verificamos, após a leitura de WLH (2006), que de Paul a Labov, passando por Saussure, há um movimento que vai do interno ao externo. E, de Labov a Chomsky, do externo ao interno. Sobre este movimento, Henry (1992: 114) observa:

Lembremos uma vez mais as referências explícitas de Saussure a Whitney e aos elementos de psicologia, sobretudo através da evocação de uma faculdade geral comandando os signos. Lembremos que as posições teóricas que determinam a elaboração das gramáticas gerativas desembocam sobre uma psicolingüística cuja renovação a

partir de Chomsky é notável, enquanto com as posições construídas por Harris a questão da adequação apela para a sociologia (determinação dos “traços das situações sociais”).

Neste movimento, observado por Henry (1992), percebemos o deslocamento que vai do interno ao externo, e que pode retornar a qualquer um desses pólos de acordo com a ênfase que é dada pela teoria lingüística.

A definição de Raposo (1992) de gramática vai na mesma direção do interno: “Podemos conceber a Gramática Universal como um órgão biológico, que evolui no indivíduo como qualquer outro órgão” (RAPOSO, 1992: 46).

Sobre P&P Miotto; Lopes; Silva (2000: 35) enfatizam o caráter interno da GG:

A teoria desse estágio inicial da criança é a UG – uma previsão daquilo que é comum a todas as possíveis línguas naturais (propriedades descritas no modelo através dos **princípios**), além da variação que pode ser encontrada entre elas (**os parâmetros**). A associação dos princípios da UG com certos valores paramétricos gera um sistema gramatical particular, ou seja, uma dada língua. Tem-se que a UG deve refletir de maneira universal a estrutura ou organização da mente humana.

Sobre esse biologismo da GG e a sua relação de complementaridade com o social, Henry (1992) observa que, nas teorias lingüísticas,

O psicológico sustenta-se diante do social pela sua relação com a animalidade humana, com o corpo orgânico, de tal modo que o social como realidade autônoma supõe sempre um psicológico, a menos que se absorva no organicismo (HENRY, 1992: 114).

É essa posição marcadamente internalista da GG que leva à proposição de um aspecto complementar à teoria: o social.

Observamos que a posição de Tarallo (1986), enquanto fundador de uma teoria que é do campo da Lingüística, é coincidente com as observações feitas por Henry (1992) a respeito da posição da Lingüística, pois o primeiro afirma:

Cabe-nos, portanto, procurar incorporar a mesma alquimia altamente salutar, de Zelig, para que possamos pilotar um avião sem nunca termos tido treinamento para tal! Resta-nos, conseqüentemente, tentar chegar a um certo descomprometimento com o modelo em que atuamos e procurar, em sub-áreas afins, outras possíveis para um problema, soluções estas que em sua **complementariedade**, somente enriquecerão a qualidade de nossas análises (TARALLO, 1986: 142, grifo nosso).

Acreditamos que quando o autor menciona “pilotar um avião sem nunca termos tido treinamento para tal”, está se referindo ao movimento de fundação da própria SP e, principalmente, seu ineditismo. Como já observamos, a SV surge como resposta à Escola Neogramática, sobretudo a Hermman Paul, e sua maneira de pensar a variação/mudança lingüística. Observamos nesta passagem, da Escola Neogramática à SV, como uma tentativa de ir do psicológico ao social.

Quando, em suas elaborações, Henry pontua que “do ponto de vista do sujeito que tematizamos aqui, o exterior é o social (e, para além, o meio físico), o interior é o psicológico” (HENRY, 1992: 117), tal afirmação pode ser estendida a nossa análise da SP, na qual é perfeitamente possível relacionar o psicológico ao interno e o social ao externo. Destacando o que é comum acontecer na Lingüística, Henry continua: “Podemos dizer agora que são a psicologia e a sociologia que retornam quando surge essa questão e que isso se deve à posição da lingüística no campo da complementaridade” (HENRY, 1992: 116).

Porém, o movimento proposto pela SP não é de um eixo a outro, do psicológico ao social, é sim o movimento da alquimia, de fusão, que, segundo Tarallo (1986), é salutar. Identificamos na alquimia<sup>23</sup>, por exemplo, o movimento da transformação de um metal sem valor para um metal com valor, do chumbo ao ouro, mas também identificamos como fruto dessa transformação a formação de um amálgama que passa a ter valor; aplicada a nosso objeto, tal conceito estaria no sentido de valor de uma teoria que poderia ser usada cientificamente e que se insira no campo da Lingüística.

Esse movimento de alquimia, fusão, proposto por Tarallo, não nos impede de refletir sobre a afirmação de Henry sobre a GG: “Na prática, há sempre um resíduo que, na perspectiva das gramáticas gerativas, faz ressurgir as dimensões sociais e individuais do “sujeito da linguagem” pelo viés do desempenho” (HENRY, 1992: 120). Ou seja, não podemos nos esquecer que toda operação gera um resto.

O resto, levando-se em consideração a fundação da SP, não é analisado por seus fundadores, já que a idéia é a do “descomprometimento com o modelo em que procuramos atuar”, como citado por Tarallo (1986). Porém, supomos que é esse resto que ressurge quando a teoria é posta em prática: a compatibilização de duas teorias com pressupostos teóricos distintos formando uma outra teoria.

---

<sup>23</sup> Buscando a definição dicionarizada do termo “alquimia”, temos Bueno (1986: 79): “Química da Idade Média; arte medieval que procurava descobrir o elixir da longa vida e a maneira de transformar qualquer metal em ouro”.

#### 4.2.2 Há complementaridade na SP

Como observamos no capítulo anterior, Tarallo faz-nos conhecer a figura de Zelig, um camaleão humano:

A década de 20 deste século nos Estados Unidos presenciou um desafio à medicina e à psiquiatria na figura de Zelig: um camaleão humano, um mutante que adaptava sua forma física e sua personalidade às de outras pessoas com as quais entrava em contato (TARALLO, 1986: 127).

Histórias à parte, a história de Zelig termina com uma certa harmonia – que Tarallo (1986) prefere chamar de alquimia – entre o ex-camaleão e o ser-camaleão:

É a persistência, a nível subjacente, do ex-camaleão que se deve a salvação de Zelig em momentos difíceis. Como resultado inevitável desta combinação mágica desponta a grande ironia: a própria doença pode acarretar sanidade e cura! (TARALLO, 1986: 128).

A figura de Zelig é invocada por Tarallo na tentativa de justificar uma nova postura dos sujeitos que fazem Lingüística. O autor faz o convite para que a justeza teórica seja deixada de lado:

O argumento central do presente trabalho é, em síntese, uma proposta: a mesma ironia que marcou a vida de Zelig deveria, em princípio, subjazer à investigação lingüística. Isto é, o lingüista existente em nós deveria ser, na realidade, mais “zeligiano” que o pretendemos e o fazemos. Em outras palavras, uma certa dosagem de “falta” de personalidade acirradamente teórica poderá levar o lingüista a resultados mais condizentes com os fatos que se propõe a analisar (TARALLO, 1986: 128).

Ao final do artigo, que é escrito em forma de um roteiro cinematográfico baseado no filme dirigido por Allen, Tarallo (1986: 129), afirma que a figura do lingüista deve se parecer a de um camaleão. Ao camaleão batizado de: Zelig, o camaleão-lingüista. Aquele que pode, perfeitamente, assumir pressupostos da SV e da GG para fundar uma teoria: a Sociolingüística Paramétrica.

A percepção de que a Lingüística está no campo da complementaridade é evidenciada por Tarallo:

Nos congressos de lingüística, nacionais e internacionais, por exemplo, a classificação e apresentação dos trabalhos obedecem a áreas e a modelos de análise compatíveis entre si, inibindo, conseqüentemente, o debate acadêmico. “Mas isto é uma outra questão e roteiro de um outro filme”, conclui o historiador (TARALLO, 1986: 132).

Na citação, o fundador da SP critica a polarização típica da lingüística, como já citado por Henry (1992), e a concentração dos estudos lingüísticos ora no eixo social, ora no eixo psicológico. Segundo Tarallo, essa polarização inibe o debate acadêmico e faz supor que a solução para este problema seja a complementaridade.

Este ideal de complementaridade na fundação da SP está atrelado a uma ilusão de complementaridade da Lingüística. É interessante observar que, na posição de Tarallo, a discussão sobre a compatibilidade entre as áreas da Lingüística poderia estar presente no meio acadêmico. Encontramos, neste movimento de compatibilidade, consonância com as observações que Henry (1992: 113) faz a respeito da complementaridade na Lingüística: “Há uma circularidade da dupla realidade psicológica/realidade social”.

Sobre a possibilidade de união das duas teorias, SV e GG, Assis (2004) argumenta:

Diante dos estudos apresentados por Tarallo e Kato nesta sua proposta, em que **as análises intra e inter-lingüística se complementam** no sentido de realinhar os parâmetros sintáticos para um refinamento da análise lingüística, constata-se a coerência do caminho por eles empreendido de **abrandar o velho debate** entre empiristas e racionalistas que impediu que a lingüística tivesse maiores alcances (ASSIS, 2004: 71, grifo nosso).

Podemos definir como partícipe dessa discussão a dicotomia empirista/racionalista; de acordo com nossas observações, os empiristas podem ser representados pelos sociolingüistas e os racionalistas pelos gerativistas. Para Tarallo, se o fim do debate empirismo x racionalismo passasse a ser aceito por aqueles que se dedicam ao estudo da ciência da linguagem, ocorreria um alcance maior da Lingüística, e isso geraria, conseqüentemente, possibilidades de formulação de novas teorias, como a SP.

#### 4.2.2.1 Elementos complementares: inter e intra-lingüísticos

Tarallo & Kato (1989: 5) assim observam a GG e SV no momento de fundação da SP:

Metodologicamente, entretanto, a lingüística gerativa ex- de regras, agora de propriedades paramétricas e a lingüística de probabilidades da teoria da variação continuam muito distantes. E por uma razão bastante simples: continua no ar um velho e desgastado debate sobre oposição igualmente antiga e extemporânea: as mazelas entre o empirismo e o racionalismo.

Segundo os fundadores da SP, o embate entre empirismo e racionalismo seria um dos fatores que impossibilitaria que SV (empirista) e GG (racionalista) fossem usadas em conjunto no desenvolvimento de uma nova teoria: a SP.

Lyons (1987: 29) assim define essas duas correntes de pensamento:

O termo ‘empirismo’ refere-se à concepção de que todo conhecimento provém da experiência – o vocábulo grego ‘*empeiria*’ significa, aproximadamente, “experiência” – e, mais particularmente, de dados da percepção e dos sentidos. Opõe-se, em uma controvérsia filosófica de longa data, ao ‘racionalismo’ – do latim ‘*ratio*’, que significa, neste contexto, “mente”, “intelecto” ou “razão”. Os racionalistas enfatizam o papel da mente na aquisição do conhecimento. Sustentam, particularmente, a existência de certos conceitos ou proposições apriorísticas (*‘a priori*’ significa, numa interpretação tradicional, “conhecimento independente da experiência”) em função dos quais a mente interpreta os dados da experiência.

Essa posição marcadamente internalista do racionalismo permite-nos situar a GG como partícipe dessa corrente de pensamento, enquanto a SV relaciona-se com empirismo pela experiência, o social da língua.

O fundador da GG observa no empirismo um dualismo:

É que, curiosamente, o empirismo desenvolveu um **dualismo**, no momento mesmo em que pretendia rejeitá-lo. Por um lado, o empirismo dizia que o corpo é constituído de órgãos variados, ou especializados, extremamente complexos e geneticamente determinados. E acrescentava que tais órgãos entram igualmente em interação uns com os outros por razões ditadas pela Biologia humana. Por outro lado, definia ele o cérebro como uma tabula rasa, vazia, desestruturada, uniforme, pelo menos no que diz respeito aos fatos mentais. Não vejo nenhuma razão para crer nisso; não vejo nenhuma razão para crer que o dedo mínimo seja um órgão mais complexo que

o cérebro: ao contrário, tudo o que sabemos hoje diz-nos que o cérebro é talvez o órgão mais complexo do universo. E não há nenhuma razão para crer que as chamadas faculdades mentais mais elevadas de alguma maneira dissociadas desta organização complexa (CHOMSKY, 1977: 83, grifo nosso).

Fica clara a posição internalista de Chomsky e seu posicionamento contrário ao empirismo. Para ele, o cérebro é um órgão complexo que não deve ser comparado a nenhum outro no universo. Evidencia-se, assim, sua posição internalista/mentalista que nos permite opor a GG, racionalista, à SV, empirista.

Para solucionar o problema, no manifesto, Tarallo & Kato (1989: 5) propõem: “Ora, essa posição, posto que antiga, mereceria, cremos, nesse momento que queremos tão promissor e produtivo para o desenvolvimento da lingüística, um certo abrandamento”. Permitindo o abrandamento, os fundadores abrem caminho para o campo da complementaridade e reforçam a visão de Henry a respeito da Lingüística: “Em resumo, formular uma realidade social autônoma supõe uma realidade psicológica e inversamente” (HENRY, 1992: 114) . Ou seja, social e psicológico não são distintos.

Uma das maneiras possíveis de entender o abrandamento proposto pelos fundadores é pensar sobre o movimento do intra ao inter (e/ou vice e versa). Para entender melhor os prefixos intra- e inter- faz-se necessário conhecer um pouco as filiações lingüísticas dos dois pesquisadores que fundaram a SP, visto que Kato & Tarallo são representantes de teorias distintas, a primeira da GG e o segundo da SV.

Kato (1993: 16) assim caracteriza a ligação entre eles: “... houve o casamento selado de Tarallo, **intra-variacionista**, com Kato, **inter-variacionista** gerativista” (grifo nosso).

Definindo seu modelo de análise, Kato (1993: 17) acrescenta:

Se esse quadro metodológico deu-nos a ‘picareta’ para escavar o túnel, a pergunta ‘O que buscar na escavação?’ vem da teoria gramatical. É ela que fornece as hipóteses sobre essas propriedades correlatas e reduz as variáveis, selecionadas pelos variacionistas com base em alguns dados suspeitos, mas que acabam se revelando, muitas vezes, fenômenos periféricos que não irão afetar o núcleo da gramática.

A picareta oferecida por Tarallo é a própria SP. Na citação acima de Kato, encontramos uma explicação da teoria, sendo que a escavação é o uso da nova teoria como modelo de análise lingüística.

## **\*Do inter ao intra**

Tarallo & Kato (1989) propõem a análise do movimento do inter ao intra tendo como base a ordem VS (verbo/sujeito) em português<sup>24</sup>. Os fundadores têm como ponto de partida estudos sobre a ordem VS em português e também alguns estudos elaborados sobre outras línguas românicas:

O objetivo de nosso estudo é, portanto, o de estudar a variação da ordem sujeito/verbo num quadro teórico como o que foi proposto no início do presente trabalho, isto é, numa perspectiva variacionista inter- e intra-lingüística. Iniciaremos essa segunda parte com considerações trans-lingüísticas para depois desenvolvermos os aspectos intra-lingüísticos do português (TARALLO & KATO, 1989: 12).

Segundo os fundadores da SP, tanto os tipologistas, como Greenberg (1963), Keenan e Comrie (1977), Anderson (1976) e outros, quanto os universalistas, como Chomsky e seus seguidores, estão interessados em desvendar os parâmetros de variação nas línguas naturais. Para os tipologistas, o interesse seria para determinar a variação lingüística possível, e para Chomsky o objetivo é estabelecer os princípios que determinam o limite da variação<sup>25</sup>.

Segundo os fundadores da SP, Comrie define parâmetro como conjunto de propriedades que variam nas línguas naturais de forma significativa. Diz-se que uma propriedade varia de forma significativa quando ela se correlaciona com outras propriedades. Desta maneira, concluem que a ordem SOV/VSO pode ser ou não um parâmetro significativo. Porém, como já observamos, a preocupação está sempre nos fatores internos, não externos:

No momento em que conseguimos correlacionar SOV com preposições e VSO com preposições de tal modo que podemos montar relações implicacionais do tipo: se VSO, então preposições e se SOV, então preposições, podemos dizer que a ordem dos constituintes maiores não é uma propriedade tipológica arbitrária, mas sim que constitui um parâmetro (TARALLO & KATO, 1989: 13).

---

<sup>24</sup> Relacionamos a preocupação de Tarallo & Kato (1989) com o objetivo dos tipologistas, conforme observamos no primeiro capítulo, item 1.2.

<sup>25</sup> Ver citação de Raposo, que afirma que a GG se preocupa com as explicações individuais de diversas línguas.

De acordo com Tarallo & Kato (1989), esse conceito de parâmetro explicitado acima foi incorporado pela teoria chomskiana, que propõe, em 1981, o conhecido parâmetro do sujeito nulo (*pro drop*). Correlacionado à idéia de sujeito nulo, os autores incluem a “inversão livre” do sujeito. Como exemplo de línguas em que a validade deste parâmetro pode ser atestada, citam o catalão, o italiano e o espanhol. Mais adiante, concluem que sujeito nulo e inversão livre de sujeito parecem constituir parâmetros distintos, conforme podemos ver na tabela a seguir:

**TABELA 1**

LÍNGUA	SUJEITO NULO	VS LIVRE
Italiano (espanhol)	+	+
Português	+	-
Trentino	-	+
Francês	-	-

FONTE: Tarallo & Kato (1989: 15)

Feita a exposição dos dados, Tarallo & Kato (1989: 15) propõem uma análise a partir das seguintes propostas:

- a) a ordem VS não é um fenômeno homogêneo como fazem crer os estudos empíricos sobre o português, devendo sua ocorrência, ou incidência, ser analisada levando-se em conta essa heterogeneidade;
- b) Os estudos lingüísticos de propriedades paramétricas, que, como dissemos acima, agem no sentido do TUDO ou NADA, não diferenciam línguas que admitem VS, embora com restrições como o português, de outras como o inglês que excluem essa ordem de sua gramática de forma quase categórica; consideram ainda que o fenômeno do sujeito nulo tem aplicação harmônica nos dois dialetos do português e no italiano e espanhol e não levam em conta o fato de que pode haver aí uma diferença quantitativa que pode aproximar o português, em certos fenômenos, a uma língua de sujeito não nulo como o francês, mais do que a línguas do mesmo parâmetro como o italiano e o espanhol.

Diante de tais proposições, concluem que: em **a)** será possível um estudo que dará subsídios para uma lingüística **trans-sistêmica** a partir da **tipologia** do fenômeno VS que ocorre nas línguas estudadas, além de prover dados sobre o grau de

produtividade em cada uma delas. A análise de **b)** pode levar a um estudo da variação **trans-lingüística** que poderá ser estudada de acordo com sua ocorrência quantitativa, não só qualitativa. Três línguas podem ser agrupadas como pertencentes a um mesmo parâmetro porque compartilham uma mesma propriedade, porém a abordagem quantitativa poderá aproximar duas delas contra a outra em função do grau de incidência de um fenômeno.

Observamos neste movimento do inter (GG) ao intra (SV) a tentativa de compatibilização da GG e da SV proposta por Tarallo & Kato. Este movimento porta um ideal de complementaridade das duas teorias, pois as propriedades (parâmetros) analisados pela GG seriam ampliados através de uma análise quantitativa. Porém, devemos recordar que essa junção das duas teorias é possível por um movimento de abrandamento da postura de cada uma das teorias envolvidas na fundação da SP. Henry (1992) aponta para a impossibilidade da complementaridade das teorias lingüísticas, e a Banda de Moébius possibilita uma outra maneira de ver os dois elementos nomeados interno/externo.

#### **\*Do intra ao inter**

Do intra ao inter-lingüístico, nos dizeres de Tarallo & Kato (1989: 30):

Como já enfatizamos anteriormente, as abordagens trans-lingüísticas caracterizam-se por abordar a variação do ponto de vista da existência ou não de uma determinada propriedade, mas não diferenciam línguas que, embora sendo positivamente marcadas em relação a uma determinada característica, apresentam diferenças quanto ao caráter obrigatório ou livre de uma regra ou em relação à incidência quantitativa de um fenômeno.

Segundo os autores, as análises variacionistas intra-lingüísticas têm enfatizado os aspectos quantitativos e o caráter categórico ou não de uma regra.

De acordo com os fundadores da SP, as análises intra-lingüísticas do português têm revelado que, na variante falada no Brasil, o sujeito é preferencialmente preenchido:

A existência e o uso de pronomes tônicos e não-monossilábicos como você e vocês e de elementos quase-pronominais como a gente mostram que o lugar do pronome reto é fonologicamente bastante saliente em nossa língua, ao contrário de outras línguas românicas, nas quais ele tende a reduzir-se a ponto de cliticizar-se ao verbo (TARALLO & KATO, 1989: 31, grifos dos autores).

Em suas observações, destacam que o uso cada vez mais generalizado do pronome pessoal sujeito preenchido é um indício de que nossa língua não é produtiva na regra de livre inversão. Neste caso, é obrigatória a regra de V-Front, pois seu uso está ligado parametricamente à propriedade de haver um sistema produtivo de clíticos acusativos. Explicitadas as propriedades +/- suj 0 e +/- clítico acusativo como propriedades independentes, pode-se propor que a propriedade V-Front está ligada à de +clítico acus. Esta regra juntaria línguas como italiano, o espanhol, o trentino e o francês, todas essas línguas com clítico acusativo independente do parâmetro do sujeito 0.

Aplicando a análise permitida pela SP, concluem:

O que podemos propor através da análise intra e inter-lingüística são, pois, dois parâmetros independentes: +/- sujeito 0 e +/- clítico acus. Se uma língua for +clítico acusativo podemos prever que ela terá V-FRONT obrigatório. A língua portuguesa de Portugal e o nosso português escrito parecem atender a essas duas propriedades, mas não o português coloquial falado no Brasil (TARALLO & KATO, 1989: 32).

Observamos que, nos dois movimentos propostos – do inter ao intra e do intra ao inter –, a tentativa é de compatibilizar o resultado de análises em uma perspectiva inter-teórica. Justificando seu movimento no campo da complementaridade, Tarallo & Kato (1989: 34) explicam: “já vai longe o tempo em que os estudos sobre a linguagem se debatiam entre o ‘ser empírico’ e o ‘ser racionalista’”, sendo que o empirismo está relacionado à Sociolingüística Variacionista e o racionalismo à Gramática Gerativa.

Seguindo seu modelo, espera-se que os resultados obtidos da análise de línguas particulares “sejam parametrizados e tenham seu conhecimento adquirido finalmente capitalizado” (TARALLO & KATO, 1989: 36). Retornamos ao resultado da alquimia, que é transformar qualquer metal em ouro, e associamos ao termo capitalizado; outra vez recorremos a uma definição dicionarizada. Segundo Bueno (1986: 226), “capitalizar é converter em capital; adicionar ao capital; acumular, ajuntar dinheiro”. Terminando seu manifesto, os fundadores da SP concluem que os resultados conseguidos com as análises obtidas através de sua teoria devem ser capitalizados e conseqüentemente valorizados. Ou seja, há uma motivação para o ideal de complementaridade: a valorização de “resultados já obtidos a partir de línguas particulares seja em que parte da gramática for”. Contudo, é preciso supor que esse ideal, em nossa perspectiva – a qual não contempla a complementaridade –, não passa de uma ilusão.

### 4.2.3 Não há complementaridade

No que tange às teorias lingüísticas, Henry (1992: 114) observa que “Segundo as teorias, a ênfase é posta seja sobre o psicológico, seja sobre o social”. Em nosso estudo, consideramos a GG como teoria em que a ênfase é o psicológico e na SV a ênfase está no social. Já a SP propõe uma ênfase híbrida, social/psicológica, posição não compartilhada por Henry (1992) e seu estudo sobre a língua. Ele é categórico em afirmar: “não há lugar no campo da complementaridade para a lingüística” (HENRY, 1992: 115).

Evidenciamos nesse item a impossibilidade da complementaridade em três instâncias importantes na fundação da SP: **1) O conceito de falante, 2) A homogeneidade/heterogeneidade, 3) A variação.**

Na direção apontada por Henry, podemos buscar primeiro nos conceitos de falante/ouvinte uma das impossibilidades para que as duas teorias sejam compatibilizadas. Os fundadores da SV refutam a idéia de como a GG vê a figura do falante/ouvinte imerso em uma comunidade homogênea<sup>26</sup>. A partir deste ponto, podemos definir um dos conflitos presentes entre a união de SV e da GG: homogeneidade x heterogeneidade. A homogeneidade está para a GG assim como a heterogeneidade está para SV. Porém a heterogeneidade para a SV não está livre de sistematização. É o que Tarallo concebe como “sistematização do caos”<sup>27</sup>. A discussão do conceito de falante/ouvinte para uma ou outra teoria não acontece nem em Tarallo (1986), nem em Tarallo & Kato (1989), talvez porque a idéia seja de abrandamento, condição necessária para o acoplamento/amálgama das teorias em questão, permitindo a busca do ideal de complementaridade.

Outro ponto conflitante seria a definição de variação. Acerca desta questão, Assis (2004: 71) esclarece:

Para o gerativismo chomskiano, as línguas variam, mas essa variação é restrita. Se os princípios são invariáveis e os parâmetros admitem certa variação, então a única explicação possível para a mudança deve estar nos parâmetros, já que os princípios não se alteram.

Seguindo seus desenvolvimentos, observamos que as concepções de mudança e variação são vistas de maneira diferente; para a GG, considerando os parâmetros

<sup>26</sup> No primeiro capítulo, buscamos a definição chomskyana para falante/ouvinte.

<sup>27</sup> No segundo capítulo, discutimos “a sistematização do caos”, expressão extraída de Tarallo (2005).

binários [+] ou [-], não há possibilidades de um meio-termo, portanto, a mudança é não gradual e opõe-se ao posicionamento da SV que a define como lenta e gradual<sup>28</sup>. Como observamos, temos conceitos diferentes de variação/mudança lingüística na GG e na SV. Somente conseguimos obter um conceito de mudança/variação da SP pelas lentes da complementaridade, de onde surge a possibilidade de que teorias com concepções diferentes possam ser usadas para formular uma outra teoria.

A complementaridade, proposta por Tarallo & Kato na fundação de sua teoria, é percebida pelo uso freqüente nos textos clássicos de expressões como abrandamento, descomprometimento, lingüista camaleão. Sobre essa última expressão, Borges Neto & Mueller (1987: 87-88) destacam:

O camaleão de Tarallo pode ser entendido de dois modos: num sentido “ser camaleão” significa ser *não dogmático*; noutro sentido “ser camaleão” significa ser *eclético*. Quanto a não-dogmatismo, nada temos a objetar. O não-dogmatismo não só é uma característica desejável na ciência como é uma condição necessária para o avanço científico.

Na nossa perspectiva, este ecletismo presente na fundação da SP é parte do movimento de complementaridade, melhor dizendo, o interno completa o externo e vice e versa. Ser eclético é poder juntar pressupostos de uma teoria a outra fundando um novo saber. Neste movimento, não encontramos consonância com a postulação de Henry e o crivo da Banda de Moébius, sendo pela figura topológica que observamos a inexistência do interno/externo nas teorias lingüísticas.

### 4.3 Considerações Finais

Após explicitado o conceito de campo da complementaridade extraído de Henry (1992), passaremos, no quinto capítulo, à análise da fundação da Sociolingüística Paramétrica, nosso objeto de estudo. Do estudo de Henry (1992) sobre a complementaridade, retiramos duas situações contrárias: a complementaridade, presente na Lingüística, e sua observação de que não há complementaridade.

---

<sup>28</sup> Recordamos nossas discussões do item 2.4 do capítulo 2 e as conclusões de WLH sobre a mudança lingüística, sobretudo a afirmação dos fundadores da SV de que a mudança lingüística não é uniforme e nem instantânea.

Sobre a inexistência da complementaridade, buscamos explicitá-la com a ajuda de três pontos: o conceito de falante/ouvinte diversos quando comparamos a GG à SV, a homogeneidade/heterogeneidade e o conceito de variação/mudança para Chomsky e WLH.

Também evidenciamos a complementaridade na SP, possível, de acordo com os fundadores Tarallo & Kato, quando há descomprometimento com as teorias lingüísticas, unindo-se o intra ao inter-lingüísticos.

Como de Henry (1992), extraímos duas posições; são também duas as figuras que utilizaremos para representar nossa análise, a faixa de cilindro euclidiana e a Banda de Moébius, objetos de análise do quinto capítulo.

**Capítulo 5**  
**A fundação da**  
**Sociolingüística Paramétrica entre**  
**o campo da complementaridade e**  
**a Banda de Moébius**

## 5.1 Introdução

Neste capítulo, analisaremos a fundação da Sociolingüística Paramétrica. Para isso, levaremos em consideração os estudos feitos nesta dissertação sobre a Gramática Gerativa e a Sociolingüística Variacionista<sup>29</sup>. Em nossa análise, utilizaremos as reflexões de Henry (1992) sobre o campo da complementaridade, fio condutor deste trabalho, além das reflexões sobre a Banda de Moébius. Sobre complementaridade, entende-se que seja o funcionamento que vai na direção de completar, concluir, de apor complemento, de formar um todo. Quanto à Banda de Moébius, sabe-se que este objeto topológico permite a representação do que não pode ser representado pela geometria comum, em nosso estudo, a fundação da SP.

Buscaremos, a partir do paradigma externo/interno, que é tematizado na fundação da SP pelas dicotomias psicológico/social, empirismo/racionalismo, homogeneidade/heterogeneidade, falante/ouvinte, inter/intra-lingüístico, refletir sobre o posicionamento dos autores fundadores da SP. Para isso, ora utilizaremos a faixa de cilindro euclidiana, ora a Banda de Moébius, com o objetivo de analisar o movimento de fundação da teoria que nos propomos a analisar. Acreditamos que essas duas faixas, a de cilindro e a Banda, instrumentalizam-nos para elaborar uma reflexão sobre a existência ou não do interno/externo na língua e como isso se dá na fundação da SP. Para a primeira, a faixa de cilindro, o externo está apartado do interno; na segunda, não há externo/interno. É importante ressaltar que trilharemos o caminho aberto por Lacan (1901-1981) e o uso dos recursos topológicos em sua explicação da constituição do sujeito, mas deixamos claro que utilizaremos a Banda de maneira distinta, pois determos-nos na possibilidade de visualização do paradigma externo/interno através dessa figura topológica. Utilizaremos o mesmo instrumental com objetivos distintos.

Em Henry (1992) e sua importante reflexão sobre o campo da complementaridade, apoiamo-nos, buscando estender suas observações ao nosso objeto de análise.

Este estudo deter-se-á nas definições da Banda de Moébius extraídas de Agustini (1999), Granon-Lafont (1990) e Porge (2006), e, conseqüentemente, de maneira comparativa, também definiremos a faixa de cilindro euclidiana, o que nos permitirá

---

<sup>29</sup> Nos primeiro e segundo capítulos dessa dissertação, fomos localizando a GG e SV no eixo descrito por Henry (1992), onde estão os pólos interno/externo.

retornar ao nosso objeto de análise, a fundação da SP, e efetuar uma reflexão sobre as relações interno/externo.

## **5.2 Uma análise topológica da fundação da SP**

Segundo Granon-Lafont (1990), a topologia geral é ciência dos espaços e de suas propriedades. Seu objetivo não é como o da geometria euclidiana, de construir um sistema de cálculos e notações que permitam situar os deslocamentos de um objeto no espaço. Trata-se de descrever, levando-se em conta a invariância do objeto, o próprio espaço.

De acordo com Granon-Lafont (1990: 13):

O espaço em si mesmo não encerra a dimensão da profundidade, a famosa terceira dimensão. É somente para aquilo que se encontra mergulhado no próprio espaço que, segundo seus movimentos que se desenrolam no tempo, vai existir um antes e um depois e, por extensão, um na frente e um atrás.

O que faremos a seguir é apropriar-nos das propriedades da Banda de Moébius, aliando-as ao conceito do campo da complementaridade que extraímos de Henry (1992) para analisar a fundação da SP. Antes, porém, explicitamos três definições desse objeto topológico. Dentre elas, uma definição matemática, extraída de Agustini (1999), em que podemos encontrar uma comparação entre a Banda e a faixa de cilindro euclidiana. Deste estudo destacamos a propriedade da Banda de Moébius de ser unilátera. Essa propriedade é a que utilizamos para produzir uma reflexão sobre as dicotomias.

Após as três apresentações do objeto topológico, a saber, Agustini, Granon-Lafont e Porge, passaremos à análise da fundação da SP através da Banda de Moébius.

### **5.2.1 Uma definição matemática da Banda de Moébius**

Agustini (1999) usa a geometria em um apêndice de sua dissertação de mestrado, intitulada *Dobras interdiscursivas: o movimento do sujeito na construção enunciativa dos sentidos*, para definir o que ela chama de Faixa de Möbius. Segundo a autora, a Faixa é uma superfície bidimensional com bordo que apresenta algumas

propriedades. Considera, para suas explicações, o espaço euclidiano, espaço físico usual de três dimensões. Define superfície bidimensional sem bordo da seguinte forma:

Um conjunto  $M \subset \mathbb{R}^3$  de pontos é chamado de superfície bidimensional sem bordo se para qualquer ponto  $p \in M$ , existe  $\varepsilon > 0$  tal que a intersecção  $M \cap B(p, \varepsilon)$  pode ser deformada continuamente (sem “rasgar”) em um disco  $D(p, \varepsilon)$ . Intuitivamente, superfície bidimensional sem bordo é todo conjunto que localmente é um disco *usual* bidimensional (AGUSTINI, 1999: 85).

Complementando sua explicação, traz também uma definição de superfície bidimensional com bordo:

Um conjunto  $M \subset \mathbb{R}^3$  de pontos é chamado de superfície bidimensional com bordo se, para qualquer ponto  $p \in M$ , existe  $\varepsilon > 0$  tal que a intersecção  $M \cap B(p, \varepsilon)$  pode ser deformada continuamente em um disco  $D(p, \varepsilon)$  ou em um semi-disco  $D(p, \varepsilon)$ , sendo que esta última opção deve ocorrer para algum  $p \in M$ , posto que esta é a condição necessária para que uma superfície possua bordo. Caso contrário a superfície é sem bordo (AGUSTINI, 1999: 86).

Segundo Agustini, a Faixa de Möbius possui uma única face, já a faixa de um cilindro possui duas faces. Para testar esse dado, propõe que pintemos uma faixa continuamente, respeitando o limite do bordo da Faixa de Möbius, sem atravessar o bordo com tinta. Deste modo, toda faixa será pintada, enquanto, no cilindro, apenas uma face será pintada.

Destaca também a propriedade de orientabilidade desta figura topológica. Segundo a lingüista, a Faixa de Möbius é não-orientável, enquanto a faixa extraída de um cilindro é orientável.

Informa que tanto a Faixa de Möbius quanto a de um cilindro possuem uma linha central “L” eqüidistante do bordo. Nos dois casos, esta linha é deformável continuamente em uma circunferência.

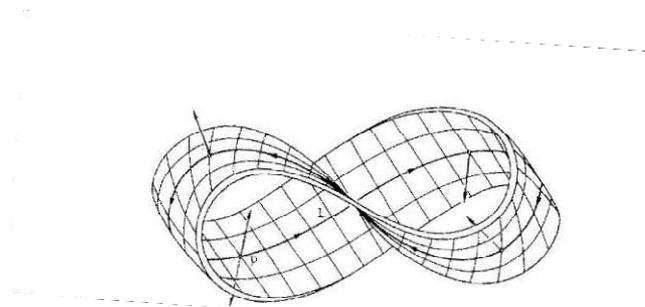
Segundo a autora outra característica da Banda de Moébius é a não-orientabilidade que pode ser percebida usando-se o seguinte experimento:

Consideremos a faixa em um ponto  $p \in L$ . Tracemos uma pequena circunferência em torno de  $p$  e a orientemos no sentido horário. Agora, deslizemos esta circunferência orientada através da linha  $L$  até que ela volte ao ponto  $p \in L$ , porém “do outro lado da faixa” (termo impreciso, visto que a Faixa de Möbius possui apenas um lado ou face). Verificaremos que, ao se sobrepor à circunferência original, a circunferência transportada apresenta uma orientação anti-horária,

quando ambas são vistas pelo mesmo ângulo de visão (AGUSTINI, 1999: 87).

Para demonstrar seu experimento propõe a seguinte ilustração:

**FIGURA 4**



FONTE: Agustini (1999: 87)

Das propriedades citadas acima – a superfície unilátera, uma margem e um bordo, e não-orientabilidade da figura topológica –, serão usadas, respectivamente, as três primeiras para subverter as dicotomias encabeçadas pelo interno/externo na fundação da SP e, finalmente, a última, para o questionamento da orientabilidade/circularidade presente no movimento de complementaridade proposto pelos fundadores da SP.

### **5.2.2 A Banda de Moébius e o direito/avesso**

Granon-Lafont (1990) considera que foi Leibniz, em 1679, quem deu um novo rumo à matemática, denominado *analysis situs*, estudo do lugar. Esta nova disciplina é o que podemos chamar da origem da topologia. Porém, essa disciplina só se firma realmente com a introdução do primeiro Teorema de Euler, em 1750.

É em 1861 que Moébius descobre a figura que passará à posteridade sob seu nome: a Banda de Moébius. Para esta autora, trata-se de um objeto físico que pode ser facilmente construído. Para fazê-lo, sugere que apanhemos uma tira de papel, e que a coloquemos sobre si mesma com um movimento de torção. Assim obteremos, a partir da simples superfície de um retângulo comum, uma superfície que apresenta fenômenos

paradoxais. Segundo ela, fazer operar na tira retangular uma meia torção, antes que uma extremidade seja colada na outra, é um simples passe de mágica, que subverte nosso espaço comum de representação.

Após montada a Banda, a autora considera que o direito e o avesso desta tira de papel passam a se encontrar em continuidade. Não há como fazer distinção entre “cara e coroa”. O direito e o avesso estão contidos um no outro. Para exemplificar, afirma:

E o dedo que segue a superfície da banda vai se encontrar, após uma volta completa, sem ter sido levantado, sem ter franqueado pela margem, no avesso de seu ponto de partida. É somente após uma segunda volta completa que ele retorna, enfim, a seu lugar de origem, já pelo lado direito (GRANON-LAFONT, 1990: 26).

Continua dizendo que apenas um acontecimento temporal diferencia o avesso e o direito, uma vez que eles estão separados pelo tempo que se leva para fazer uma volta suplementar. É o tempo que faz, como um contínuo, a diferença entre as duas faces. Como não há mais duas medidas, mas somente uma margem, é o tempo que se impõe para dar conta da banda.

Para entender o direito e o avesso da Banda, é necessário imaginar o instante anterior à montagem do objeto topológico. A tira bilátera, antes que a torção que dá origem à Banda seja realizada, contém essa dicotomia avesso/direito. Porém, uma vez montada a Banda, Granon-Lafont (1999: 25) informa:

após a realização do passe de mágica, cujo procedimento acabamos de descrever, o direito e o avesso desta tira de papel passam a se encontrar em continuidade. O uso comum do “cara ou coroa” fica, aqui, subvertido.

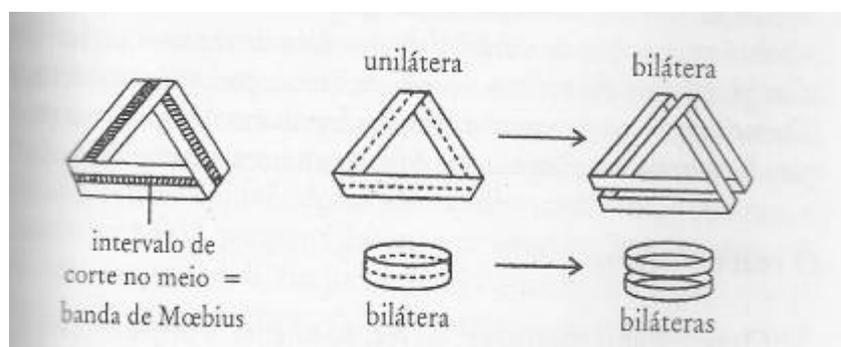
Essa propriedade da Banda, de subverter o direito/avesso da tira que lhe dá origem, é que nos oferece condições de apresentar nossa reflexão sobre a impossibilidade do interno/externo da língua, pois, em nosso estudo, o direito é o interno e o avesso é o externo.

### 5.2.3 A Banda de Moébius e o corte longitudinal

A manipulação da Banda, um corte longitudinal produzido por uma tesoura, produz duas superfícies com propriedades distintas das propriedades da Banda de Moébius.

Porge (2006) assim define a Banda de Moébius, comparando-a a um cilindro e enfatizando o resultado do corte longitudinal nas duas estruturas:

A banda de Moébius, com efeito, não passa de uma borda. O corte sustenta a sua essência. Se cortada no meio, não há mais bandas de Moébius; ela não engendra duas novas bandas iguais como é o caso de um cilindro, mas somente uma única banda e, pois, a mesma, mas não igual por faltar-lhe a propriedade moebiana:



FONTE: Porge (2006: 235)

O corte no objeto topológico será útil para que imaginemos a função do resto produzido na fundação da SP. O resultado desta operação permite-nos comparar a faixa de cilindro euclidiana à Banda de Moébius por seus resíduos. O resultado (quociente<sup>30</sup>) do corte no cilindro produz duas outras estruturas idênticas à primeira. Já o corte na Banda produz duas superfícies biláteras, com propriedades não mais idênticas às da Banda, mas sim idênticas às de uma superfície bilátera.

Henry (1992: 120) destaca, especificamente sobre o resto da GG, que é ele que faz ressurgir as dimensões sociais e individuais pelo viés do desempenho. Diante desta observação, pensamos que esta operação apontada por nós, o corte, produz um resto, que representaremos como o resto da fusão da GG e da SV formando a SP. Porém, advimos que este resíduo não é mostrado pelos fundadores da SP, pois o ideal de complementaridade, baseado no descomprometimento, não faz com que ele apareça.

<sup>30</sup> A figura 12 representa as partes de uma operação matemática: divisor, dividendo, quociente e resto.

### 5.3 A SP pela Banda

Como já dissemos anteriormente, seguimos o caminho traçado por Lacan, como bem lembra Granon-Lafont (1990: 19): “Cabe a Lacan todo o mérito de ter procurado traçar os contornos desta especificidade da topologia e de indicar qual poderia ser seu uso nas ciências humanas”. Desta forma, as propriedades da Banda poderão ser bastante produtivas na nossa reflexão sobre a fundação da SP, especialmente nessa questão referente à dicotomia interno/externo que abarca outras dicotomias como: racionalismo/empirismo, social/psicológico, homogeneidade/heterogeneidade e intra/inter. São as propriedades típicas da Banda que Granon-Lafont (1990: 41) destaca: “Convém lembrar, antes de fazer intervir outros objetos topológicos: somente a banda de Moébius é realmente, como objeto unilátero, construtível e manipulável”. É a Banda, portanto, que pode apresentar uma possibilidade de subversão das dicotomias inerentes às teorias lingüísticas abordadas nessa dissertação.

A SP une duas teorias com pressupostos teóricos distintos, como já afirmamos anteriormente, por exemplo, pela definição de falante/ouvinte. O falante para a GG é psicologizado, inatista e ideal, enquanto o falante para a SV está diretamente ligado ao social, externo. Sobre o falante/ouvinte para a GG, Chomsky (1978: 83) assim o define: “A teoria lingüística tem antes de mais como objecto um falante – ouvinte **ideal**, situado numa comunidade lingüística completamente **homogênea** [...]” (grifos nossos). Este posicionamento do fundador da GG é questionado por WLH (2006: 60): “Procedimentos para ultrapassar a **diversidade** real observada no comportamento lingüístico não são sugeridos [...]” (grifo nosso). Essas citações nos permitem situar as duas teorias, GG e SV, nos eixos descritos por Henry (1992): psicológico e social, respectivamente. Cronologicamente, a GG surge primeiramente e, em seguida, como reação à GG, a SV. Consideramos, neste trabalho, a fundação da SP com o lançamento comercial da preedição do manifesto escrito por Tarallo & Kato, intitulado “Harmonia trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística”, em 1989, pela Editora da Unicamp.

Para guiar-nos em nossa análise da SP pela Banda de Moébius, apoiar-nos-emos nas reflexões de Henry (1992) sobre a Lingüística. Como a SP é do campo da Lingüística, podemos estender suas reflexões a nossa análise da SP<sup>31</sup>. Também articulamos a reflexão sobre a complementaridade com as propriedades da Banda, pois

---

<sup>31</sup> Apropriamo-nos da definição de Henry (1992) de que há complementaridade na Lingüística e estendemos nossas observações à SP.

acreditamos que as propriedades desse objeto topológico nos permitem uma representação de nosso objeto de análise, a fundação da SP. De maneira contrastiva, também utilizaremos a faixa de cilindro euclidiano, que permite visualizar o movimento de circularidade das teorias lingüísticas em estudo no campo da complementaridade.

#### 5.4 A análise das dicotomias

*O leve e o pesado; o quente e o frio; a luz e a obscuridade: o universo e o sentido das coisas divididos em duplas de contrários. Contrários que, no entanto, se justificam, se explicam e se completam.*

Tarallo (1987: 75)

São várias as dicotomias presentes nesse trabalho. Como já vimos, a SP nasce da junção de duas teorias, a SV e a GG. Este fato, por si só, já indica a possibilidade de inserção da SP no campo da complementaridade, posição comum na Lingüística, assim como observa Henry (1992: 116): “Surge aqui uma dificuldade que parece que provém do fato de só podermos conceber a realidade da linguagem através de (1) uma relação exterioridade/interioridade [...]”. Deparamo-nos com essa primeira dicotomia interno/externo, e a partir deste lugar traçamos um paralelo entre esta e outras dicotomias pertinentes neste trabalho e que estão presentes nesse momento da fundação da SP. No quadro abaixo, destacamos as principais oposições presentes na fundação da SP e já analisadas nesse trabalho.

**TABELA 2**

<b>Sociolingüística Paramétrica</b>	
<b>GG</b>	<b>SV</b>
Interno	Externo
Racionalismo	Empirismo
Psicologia	Sociologia
Homogeneidade	Heterogeneidade
Intra-variacionista	Inter-variacionista

Para melhor representar a proposta da SP de harmonização dos pares opositivos e conseqüentemente seu ideal de complementaridade, utilizaremos uma faixa de cilindro euclidiano para representar as duas faces interno/externo que caracterizam essa complementaridade.

**FIGURA 5**



Opondo as propriedades do cilindro às da Banda de Moébius, podemos entender melhor essa segunda estrutura.

Fonte : [www.achem.com](http://www.achem.com)

Consideramos a superfície marcada com as iniciais “A chem” como interno, e aí incluímos as propriedades da GG, são elas: racionalismo, psicológico, homogeneidade, intra-variacionismo. Já na superfície lisa, externa, incluímos a SV e suas características: empirismo, sociologismo, heterogeneidade, inter-variacionismo. Dessa maneira, observamos o que Henry (1992: 115) afirma: “Há portanto uma circularidade da dupla realidade psicológica/realidade social”.

O cilindro, como representação da complementaridade, encerra esses dois lados, o interno/externo. A circularidade existente entre esses dois lados faz com que não haja contato entre um e outro.

A complementaridade é o campo por onde é fundida a SP, como propõe Tarallo (1986: 142):

Resta-nos, conseqüentemente, tentar chegar a um certo descomprometimento com o modelo em que atuamos e procurar, em sub-áreas afins, outras possíveis para um problema, soluções estas que em sua **complementariedade**, somente enriquecerão a qualidade de nossas análises.

Portanto, é essa a circularidade proposta pelos fundadores da SP. Como apontado por Henry (1992: 113), “observa-se que a lingüística emergiu numa conjuntura científica e ideológica cujos eixos podem ser descritos”. Nesta nossa elaboração, os eixos são representados pelas duas superfícies. A superfície interna (A chem) e a externa (lisa). É sempre um desses eixos que está em destaque, como pontua Henry (1992: 114): “Segundo as teorias, a ênfase é posta seja sobre o psicológico, seja sobre o social”.

Podemos usar a formulação das propriedades intra e inter-lingüística, proposta pelos fundadores da SP, como representação dos eixos descritos por Henry (1992). Para isso, nos apoiamos nas propriedades da faixa de cilindro. Do inter ao intra, a ênfase está posta na SV, portanto no eixo “liso”, como ilustrado por Kato & Tarallo (1989) utilizando a ordem SV do Português. Já do intra ao inter, a ênfase está posta na GG, portanto no eixo “A chem”, exemplificado pelos fundadores por meio da compatibilização dos parâmetros para uma análise quantitativa.

Com respeito à homogeneidade/heterogeneidade, destacamos a posição polarizada de WLH (2006), refutando as idéias chomskianas. Segundo eles, as teorias da mudança procedentes da gramática gerativa não têm relevância para o estudo da história da língua. Defendendo a posição de heterogeneidade, afirmam:

Argumentaremos que o modelo gerativo para descrição de uma língua como um objeto homogêneo é em si mesmo desnecessariamente irrealista e representa um retrocesso em relação às teorias estruturais, capazes de acomodar os fatos da heterogeneidade ordenada. Nos parece bastante inútil construir uma teoria da mudança que aceite como seu *input* descrições desnecessariamente idealizadas e inautênticas dos estados de língua. Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança lingüística, será necessário aprender a ver a língua – seja de uma ponto de vista diacrônico ou sincrônico – com um objeto constituído de heterogeneidade ordenada (WLH, 2006: 35).

Observamos a tentativa de polarização dos fundadores da SV. Para eles, é inútil uma teoria que tenha como *input* descrições idealizadas, homogêneas. A realidade da língua deve ser vista como heterogeneidade ordenada. Neste caso, levando-se em

consideração nossa ilustração do cilindro, o homogêneo está representado pelo interno e o heterogêneo pelo externo.

Porém, como já observamos em Henry (1992), pela própria natureza da língua, não há lugar no campo da complementaridade para a Lingüística, pois não há interno ou externo à língua, não há o que complementar, e para isso recorreremos à topologia.

Seguindo sua afirmação, o cilindro euclidiano perde sua capacidade de representação da Lingüística, uma vez que não há como separar o psicológico do social, e vice e versa.

#### \* As dicotomias e a Banda de Moébius

Podemos recorrer à topologia da Banda de Moébius para representar a posição da Lingüística. Recordamos que a banda tem um só bordo, portanto não há como representar as dicotomias por essa figura, uma vez que só há lugar para a representação de um só eixo.

**FIGURA 6**



A Banda de Moébius

FONTE: [http://static.flickr.com/38/82023674\\_9b85d5a240\\_o.jpg](http://static.flickr.com/38/82023674_9b85d5a240_o.jpg)

A compatibilização da SV e da GG, formando a SP, não é possível, pois a SP pertence ao campo da Lingüística e, segundo Henry, não há lugar para a

complementaridade na Lingüística. Porque, especificamente sobre a GG, Henry (1992: 120) afirma: “Na prática, há sempre um resíduo que, na perspectiva das gramáticas gerativas, faz ressurgir as dimensões sociais e individuais do “sujeito da linguagem” pelo viés do desempenho”.

Sobre essa dicotomia da GG, competência/desempenho, Miotto; Lopes; Silva (2000: 23) declaram:

o que permite ao falante decidir, então, se uma sentença é gramatical ou não, é o conhecimento que ele tem e que tem o nome técnico de **competência**. Quando o falante põe em uso a competência para produzir as sentenças que ele fala, o resultado é o que chamamos tecnicamente de **performance** (ou **desempenho**). (grifo dos autores)

A afirmação dos autores dá uma clara indicação do tipo de relação do par interno/externo, aqui representado pelo par competência/desempenho. O desempenho é a competência em uso; portanto, há um caráter individual/social que impossibilita a representação dessa dicotomia por uma faixa de cilindro, uma vez que competência/desempenho pertence a um só bordo. Essa representação é possível quando utilizamos a Banda, pois, como podemos observar, não há como distinguir o externo do interno. Há apenas um bordo.

Retornando à citação, o resíduo observado por Henry (1992) foge aos limites da complementaridade, contrapondo a idéia visualizada no cilindro, que é a do todo. Já a banda permite que algo da ordem do resto, do que escapa à noção do todo e pode ser representado por este objeto, por meio de suas características topológicas, levando à visualização da terceira dimensão. A Banda de Moébius dilui a representação externo/interno e, portanto, as dicotomias, estabelecendo uma relação entre os elementos. Essa relação está submetida a um outro fator: o tempo. É importante notar que os elementos interno e externo mantêm suas características sem fundirem-se ou complementarem-se. Sobre o tempo, Granon-Lafont (1990: 26) informa que é ele que faz a diferença entre as duas faces, “Se não há mais duas medidas para a superfície, mas somente uma margem, o tempo então se impõe para dar conta da banda”.

O abrandamento proposto por Tarallo & Kato é a condição necessária para que haja a complementaridade. Como já visto, o movimento do intra ao inter (ou vice-versa) está imerso no campo da complementaridade, porém de maneira equivocada, já que não há como compatibilizar, por exemplo, dados de uma análise quantitativa, que leva em consideração a heterogeneidade ordenada, com dados de uma análise em que os fatores

sociais/individuais não são levados em consideração; neste caso, a língua é tratada de forma homogênea. A dicotomia que se estabelece é a homogeneidade/heterogeneidade, sendo que a primeira está atrelada ao interno, e conseqüentemente à GG, e a segunda ao externo, e à SV.

Ainda sobre o conceito de homogeneidade e falante ideal, WLH (2006: 60), em uma crítica a GG, consideram:

A exigência da homogeneidade se torna central aqui: a competência lingüística que é o objeto da análise lingüística é a posse de um indivíduo; a teoria lingüística se ocupa da comunidade somente na medida em que a comunidade é homogênea e na medida em que o informante individual é um perfeito representante dela.

É importante recorrer a WLH e sua concepção polarizada destes conceitos para que possamos apresentar como a complementaridade se dá na SP, como possibilidade de resolução de divergências teóricas. Para a GG, o falante está em uma posição psicológica ideal como proposto por Chomsky (1965: 83): “A teoria lingüística tem antes de mais como objecto um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade lingüística completamente homogênea”. O falante proposto pela SV não pode estar em uma comunidade lingüística homogênea, uma vez que, para esta teoria, o que interessa é a heterogeneidade ordenada. Portanto, ficar entre o homogêneo e o heterogêneo só faz com que permaneçamos em um movimento circular no campo da complementaridade, indo de um lado a outro. A proposta de Tarallo também não faz com que saíamos deste campo, pois o que ele propõe é o abrandamento dos dois pólos, provocando uma fusão entre eles, chegando a uma representação do todo.

O caminho de Henry (1992) é aquele que nos aponta uma outra direção, pois é ele quem afirma que não há complementaridade; psicológico e social encontram uma forma de relação em um só bordo, impossibilitando diferenciar o interno do externo. Para tal representação, só encontramos um objeto topológico com essas características: a Banda de Moébius.

## 5.5 O crivo da Banda

*Saussure apoiara a dicotomia entre significante e significado e a força de suas relações, ainda que arbitrárias, sobre a imagem das duas faces de uma folha de papel.*

Granon-Lafont (1990: 34)

Destacamos, a seguir, cinco propriedades da Banda de Moébius extraídas da leitura de Granon-Lafont (1990), Porge (2006) e Agustini (1999) e as enumeramos didaticamente. São elas:

\*1ª Propriedade – Unilátera.

\*2ª Propriedade – Uma margem.

\*3ª Propriedade – Uma borda.

\*4ª Propriedade – Pontos não-orientáveis.

\*5ª Propriedade – Corte longitudinal produz uma superfície bilátera

Passaremos à análise da SP por meio destas propriedades. Informamos que a Banda de Moébius é um modelo adequado para nosso estudo e, apoiando-nos em suas propriedades matemáticas, analisaremos a teoria que nos propusemos a estudar nesta dissertação.

### **\*1ª Propriedade - Superfície Unilátera**

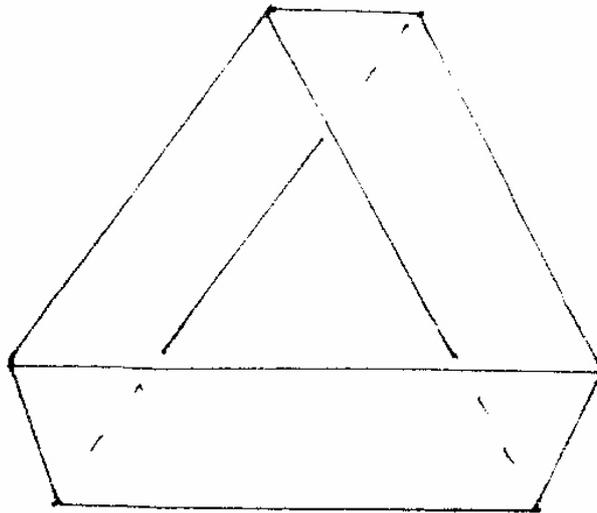
*É uma superfície com uma única face. Esta única margem, que descreve uma curva dupla, encerra uma superfície com uma única face. Este paradoxo torna-se sensível se desenharmos um lápis atravessando a contrabanda.*

Granon-Lafont (1990: 29)

Como já definimos, as características da GG nos levam a considerá-la como uma teoria que aponta para um interno, enquanto a SV aponta para um externo. Essa dicotomia interno/externo, elementos da SP, não permite sua representação pela Banda de Moébius, uma vez que a superfície da banda é unilátera. Portanto, em nossa perspectiva, não é possível a realização do ideal de completude. A Banda é o elemento

topológico que nos permite representar que o completo não é possível, uma vez que interno/externo fazem parte de um mesmo lado, de uma mesma superfície unilátera. Na Banda não há interno ou externo, contrário da faixa de cilindro.

**FIGURA 7**



A Banda e sua superfície unilátera

FONTE: <http://orbita.starmedia.com/~del.grande/disserta/moebius.gif>

Contrapondo a geometria euclidiana, neste trabalho representada pela faixa de cilindro, à geometria topológica, analisamos que o cilindro é uma possibilidade de apresentarmos o ideal de completude, já que por esta figura o interno e o externo não se encontram e se movem em circularidade. A Banda de Moébius é a possibilidade de representação que nega a representação euclidiana. Para a Banda não há interno/externo, portanto não há possibilidades de complementaridade, já que não há interno e externo em uma superfície unilátera. Analise-se a afirmativa de Tarallo (1986: 142):

Resta-nos, conseqüentemente, tentar chegar a um certo descomprometimento com o modelo em que atuamos e procurar, em sub-áreas afins, outras possíveis soluções para um problema, soluções estas que, em sua **complementaridade**, somente enriquecerão a qualidade de nossas análises. (grifo nosso)

A complementaridade é a possibilidade de compatibilizar propriedades da GG e da SV formando uma terceira teoria, a SP. Porém, pela Banda, notamos que não há possibilidade de complementaridade, que uma teoria complete a outra, em nosso estudo

a GG e a SV. Retornando a experiência do dedo que percorre a Banda, destacando essa tentativa, esse ideal, citamos os fundadores da SP:

empreendemos, sim, um novo caminho: aquele que resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista, seja para provar seus espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro (TARALLO & KATO, 1989: 5).

Nesta citação fica clara a tentativa de realinhar. Na perspectiva da Banda, não há possibilidade de realinhamento, já que as duas teorias estão em uma superfície unilátera.

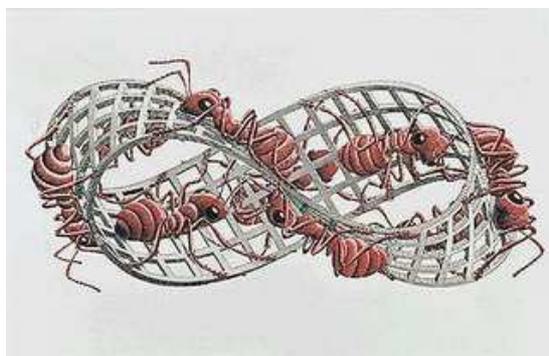
### **\*2ª Propriedade – Uma margem**

*A existência de uma margem única é essencial, pois que uma das definições topológicas da banda de Moébius se apóia justamente sobre este paradoxo.*

Granon-Lafont (1990: 26)

As superfícies com duas margens oferecem possibilidades de uma abordagem interna e externa, porém a Banda de Moébius oferece apenas uma possibilidade: uma margem. Refletindo sobre essa propriedade, podemos imaginar que uma formiga percorra toda a Banda por sua única margem e notaremos que ela percorrerá *toda* a margem do objeto topológico, como podemos observar na ilustração abaixo.

**FIGURA 8**



Pela Banda, não há como distinguir uma margem interna e outra externa.

FONTE: [http://static.flickr.com/43/82023675\\_4ad460bb33\\_o.jpg](http://static.flickr.com/43/82023675_4ad460bb33_o.jpg)

A superfície com uma margem não permite a distinção entre o interno e o externo. Encontramos consonância nesse ponto com o que diz Henry (1992: 120) analisando a GG: “Na prática, há sempre um resíduo que, na perspectiva das gramáticas gerativas, faz ressurgir as dimensões sociais e individuais do “sujeito da linguagem” pelo viés do desempenho”. Na prática este resíduo surge descartando a idéia de complementaridade, pois uma parte está na outra. Podemos sustentar nossa reflexão com a propriedade de uma única margem da Banda Moebiana.

### **\*3ª Propriedade – Uma borda**

*A Faixa de Möbius possui uma “única face” e um cilindro possui ‘duas faces’. É fácil percebermos isso. Imagine que iremos pintar a faixa continuamente, respeitando o limite do bordo, ou seja, sem ‘atravessarmos o bordo’ com tinta. Deste modo, toda a faixa será pintada, enquanto, no cilindro, apenas uma face será pintada.*

Agustini (1999: 87)

Para entendermos a noção de borda, ou bordo, da Banda, é necessário que retornemos à noção de margem. Nas superfícies biláteras, como a faixa de cilindro, cada margem tem duas bordas, uma interna e outra externa. Já para a margem da Banda, só há um bordo, portanto não é possível pensar em uma transposição do intra ao interlingüístico<sup>32</sup> como propõe Tarallo & Kato (1989), pois a Banda é um objeto que prescinde da oposição interno/externo. Se pensarmos que a Banda pode ser usada como representação possível de uma teoria lingüística, podemos afirmar, nessa perspectiva, que não é possível representar a SP pela Banda. Pois o ideal que se encarna na SP é que haja interno/externo, e qualquer realidade lingüística deve ser totalmente explicada por um ou por outro integrante deste par.

De acordo com esta propriedade da Banda, concluímos que o que está em uma margem não pode passar a uma outra, ou vice e versa. Por conseguinte, a Banda impede qualquer possibilidade de transposição de um sistema teórico a outro. No ideal dos fundadores da SP, a falta de uma teoria lingüística é suprida por outra; o que falta à GG é suprido pela SV e vice e versa. Essa essência da complementaridade, como observado,

---

<sup>32</sup> Ver item 4.2.2.1

não pode ser realizada pela propriedade da Banda, que subverte a idéia de bordo interno ou externo.

**FIGURA 9**



Não há bordo interno ou externo à Banda. Há apenas um bordo.

FONTE: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Moebius>

A torção usada para a montagem da Banda de Moébius impossibilita a representação de transposição, por exemplo, do intra ao inter-lingüístico, uma vez que não há interno ou externo às teorias. Conforme Granon-Lafont (1990: 25) enfatiza: “O uso do ‘cara ou coroa’ fica, aqui, **subvertido**. O direito e o avesso estão contidos um no outro” (grifo nosso). A banda subverte o interno/externo.

O ideal dos fundadores da SP é de uma teoria que seja trans-lingüística:

Simplesmente, a gramática gerativa chegou a um momento em que aqueles dados **trans-lingüísticos** e diacrônicos, dantes considerados como **marginais** à argumentação interna à teoria, assumem papel de destaque (TARALLO & KATO, 1989: 35, grifo nosso).

Em nossa perspectiva, esses dados ditos marginais são o resíduo de uma teoria, porém não verificamos qualquer reconhecimento de Tarallo & Kato de que a fundação da SP possa gerar um resto.

Como vimos, esse movimento trans (de um sistema a outro) não é permitido de acordo com as propriedades topológicas da Banda. Concluimos que não basta apenas pegar o que é não peculiar a uma teoria (neste caso, a GG) e submeter a outra teoria (a

SV) para que se faça uma análise lingüística efetiva, pois esse movimento de transposição de uma margem a outra é subvertido pelas propriedades da Banda.

#### **\*4ª Propriedade – Pontos não-orientáveis**

No cilindro euclidiano, os pontos são orientáveis, ou seja, se traçarmos um ponto que gira no sentido horário e percorrermos toda a estrutura geométrica, retornaremos ao mesmo ponto de partida com o ponto girando no mesmo sentido. Esta propriedade não se aplica à Banda de Moébius, uma vez que a torção feita durante sua confecção faz com que os pontos sejam não-orientáveis. Em oposição a essa propriedade da Banda Henry (1992: 115) observa nas teorias lingüísticas: “Há portanto uma circularidade da dupla realidade psicológica/realidade social”. Observamos, na ilustração abaixo, que a figura topológica, aparentemente, gira na mesma direção (movimento representado pelas setas maiores), porém, há setas menores que orientam o movimento para outras direções diferentes do sentido das setas maiores.

**FIGURA 10**



Uma das propriedades da Contrabanda é que os pontos não são orientáveis

FONTE: <http://www.recicloteca.org.br/adm/images/reciclagem.gif>

Pensando na propriedade da orientação enquanto previsibilidade, concluímos que, nesse aspecto, e da maneira como as Teorias Lingüísticas se comportam na leitura de Henry (1992), esta propriedade pode ser relacionada com o ideal de completude dos fundadores da SP, pois é a previsibilidade que faz com que o que falta em uma teoria possa ser completado com outra teoria. Imbuídos do ideal da complementaridade, sobre o impasse empirismo/racionalismo, os fundadores da SP afirmam: “Ora, essa oposição,

posto que antiga, mereceria, cremos, nesse momento que queremos tão promissor e produtivo para o desenvolvimento da lingüística, um certo **abrandamento**". (TARALLO & KATO, 1989: 5, grifo nosso).

Se relacionamos a orientabilidade com a circularidade, retornamos a Henry e sua observação sobre o movimento das teorias lingüísticas: "Há portanto uma **circularidade** da dupla realidade psicológica/realidade social" (HENRY, 1992: 115, grifo nosso). Porém, a impossibilidade da orientabilidade na Banda não permite que o que falte em uma teoria seja completado com outra teoria, pois os pontos da figura topológica não são coincidentes, ora podem girar pela direita, ora pela esquerda. Não há possibilidade de encaixe, como não há possibilidade de circularidade, como acontece no cilindro euclidiano; melhor dizendo, os pares, por exemplo, empirismo/racionalismo, não se complementam na estrutura da Banda.

A complementaridade e o abrandamento propostos pelos fundadores da SP vão no sentido da orientabilidade e, como vimos, são impossíveis de ser representados pela Banda.

#### **\*5ª Propriedade – Corte longitudinal produz uma superfície bilátera.**

*A banda de Mæbius, com efeito, não passa de uma borda. O corte sustenta a sua essência. Se cortada no meio, não há mais bandas de Mæbius; ela não engendra duas novas bandas iguais como é o caso de um cilindro, mas somente uma única banda e, pois, a mesma, mas não igual por faltar-lhe a propriedade moebiana...*

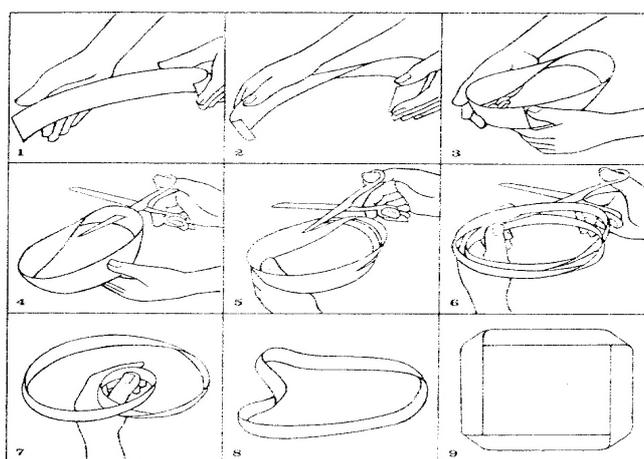
Porge (2006: 235)

Como já dissemos anteriormente, a Banda de Moébius pode ser a representação topológica do funcionamento de uma teoria lingüística. De acordo com o posicionamento de Henry (1992) sobre as teorias lingüísticas, a SP pode ser representada por uma faixa de cilindro, pois nessa teoria o interno (da GG) e o externo (da SV) giram em um movimento de complementaridade. No ideal de completude que destacamos da proposta de Tarallo & Kato, duas teorias podem ser parametrizadas e o resultado dessa parametrização pode ser capitalizado e conseqüentemente difundido para a Ciência da Linguagem. Como vimos, o ideal dos fundadores pode ser visualizado com o auxílio de um cilindro euclidiano que tem uma superfície bilátera. Nessa

perspectiva, quando fazemos um corte longitudinal em um cilindro, restamos com duas superfícies biláteras, com propriedades intactas. Porém, como vimos em Henry (1992) e em sua afirmação de que **não há complementaridade**, as teorias lingüísticas, se não aceitamos o fato de que não há a dicotomia interno/externo, não podem ser representadas pelo cilindro euclidiano, pois, como ele mesmo afirma: “[...] o social como realidade autônoma supõe sempre um psicológico[...]” (HENRY, 1992: 114). É na Banda de Moébius que encontramos uma representação em que não comparece a dicotomia interno/externo. Não há separação.

Uma das propriedades da Banda de Moébius é não formar uma outra idêntica quando nela é feito um corte longitudinal.

FIGURA 11



*Corte da banda de Moébius. 1, 2 e 3, construção da banda moebiana; 4, 5 e 6, corte mediano da banda; 7, 8 e 9, resultado do corte: a banda com - semitorções (euclidiana).*

O corte longitudinal da Banda de Moébius não produz outra Banda. O resultado desta operação é uma estrutura bilátera

Fonte: Granon-Lafonf (1990: 24)

Na ilustração observamos a confecção da Banda – três primeiros quadros –, o momento do corte na banda – quadros intermediários –, até o resultado do corte na Banda – três últimos quadros.

È também em Henry (1992) que encontramos a afirmação de que toda operação produz um resto. Neste momento representamos o corte longitudinal da Banda de

Moébius como momento de fundação da SP. Para ilustrar a noção do resto buscamos as partes de uma divisão matemática.

**Figura 12**

$$\begin{array}{r} a \quad | \quad b \\ r \quad | \quad q \end{array}$$

FONTE: <http://educar.sc.usp.br/matematica/m4p1t6.htm>

Na ilustração, o “a” representa o dividendo, o “b” o divisor, o “q” o quociente e o “r” o resto<sup>33</sup>. Como podemos observar, toda operação resulta em um resto. Submetendo a banda à operação que resulta em sua divisão, a própria intersecção, o quociente, pós- intersecção, é o próprio resultado da operação: uma superfície bilátera. O resto, porém, na fundação da SP, não é observado por Tarallo & Kato em virtude do movimento de abrandamento que eles propõem. Portanto, o resíduo da operação, apesar de existente, não é levado em consideração por seus criadores, apenas o quociente.

Se imaginamos o corte como sendo o momento de fundação da SP – por exemplo, e após sua fundação é possível usar a teoria para fins e com propriedades que não são próprias e coincidentes a suas bases epistemológicas, sob um espírito de **descomprometimento e abrandamento** de posturas –, o resto produzido por essa operação, em meio ao abrandamento e o descomprometimento, não é analisado. Apesar disso, sua presença é parte essencial<sup>34</sup> de uma operação de divisão.

## 5.6 Considerações Finais

Neste capítulo pudemos analisar a fundação da Sociolingüística Paramétrica com a ajuda de dois objetos teóricos: o conceito de campo da complementaridade extraído de Henry (1992), e sua afirmação categórica de que não há lugar para a Lingüística nesse

---

<sup>33</sup> Sobre o número zero e sua importância para a psicanálise, Nogueira (1999) destaca: “A definição dos números naturais a partir do número Zero, vai possibilitar subsídios para a formalização de Lacan.”

<sup>34</sup> Ressaltamos que o zero também é um número, e, portanto, também é um resto. Mendes (1999) discute a questão: “Depois do zero ter sido inventado para resolver um problema do sistema posicional de numeração, ocorreu uma coisa interessante: o zero passou a ser tratado como qualquer um dos outros nove símbolos. O zero passou a ser tão número quanto os outros. O **nada** tornou-se número também, sendo introduzido na sequência: 0, 1, 2, 3, etc...” (grifo do autor)

campo, e o uso da topologia da Banda de Moébius. Os fundamentos teóricos da Banda de Moébius extraímos de Granon-Lafont (1990), Porge (2006) e Agustini (1990).

Após a análise das dicotomias interno/externo, racionalismo/empirismo, psicologia/sociologia, homogeneidade/heterogeneidade, intra-variacionista/inter-variacionista e uso das propriedades da Banda de Moébius (uma margem, uma borda, pontos não-orientáveis e corte longitudinal produz uma superfície bilátera), concluímos que o ideal de completude proposto por Tarallo & Kato, em nossa perspectiva, não se sustenta.

# Conclusões

*A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro.*

Saussure (2006: 16)

A epígrafe acima já enuncia que o que nos propusemos a fazer nesse trabalho não é de todo novo. A possibilidade de pensar as teorias lingüísticas em um eixo foi extraída de Henry; é ele quem afirma: “Mantendo-nos no domínio das generalidades, observa-se que a lingüística emergiu numa conjuntura científica e ideológica cujos **eixos** podem ser descritos” (1992: 113, grifo nosso). Eixo que ora aponta para o interno, ora para o externo. A idéia do eixo possibilita o estabelecimento das dicotomias, que, de alguma maneira, funcionam como pólos que atraem os sujeitos que se propõem a fazer lingüísticas. O interno e o externo são lados que não se encontram. Porém, sob a ótica de Tarallo, o interno completa o externo e vice e versa. O movimento é o da complementaridade, veementemente rejeitado por Henry: “[...] não há lugar no campo da complementaridade para a lingüística” (HENRY, 1992: 115).

Comungamos do ideal de Henry e pudemos observar, por meio de nossas análises, que, pela Banda de Moébius, as dicotomias ficam subvertidas, interno e externo pertencem ao mesmo lado.

No capítulo 1, verificamos que a teoria que emerge do ideal chomskyano se posiciona no eixo interno. Tentamos destacar esse movimento apropriando-nos da cronologia de fundação dessa teoria. Para percorrer este caminho, elegemos Borges Neto (2003). Antes, porém, apropriamo-nos da comparação de Faraco (2005), que considera pontos de convergência entre o estruturalismo e o gerativismo, e pontos de divergência entre o estruturalismo americano e o gerativismo. Sobre estruturalismo e gerativismo, Faraco considera que é após P&P que o gerativismo se volta para um dos objetos de estudo da lingüística estruturalista: o estudo das tipologias. O surgimento da SP permite que Tarallo resgate o objeto que fora estruturalista, ganha roupagens gerativistas e é por fim complementado, parametrizado, pela teoria de Tarallo & Kato. Essa observação encontramos em Tarallo (1989), quando o fundador da SP analisa os trabalhos de Ramos e de Rocha, ambos publicados em seu livro *Fotografias Sociolingüísticas*. A definição de falante/ouvinte dependente de um meio homogêneo e o estabelecimento da Gramática Gerativa como órgão biológico confirmam nossas observações acerca da teoria de Chomsky no eixo que aponta para o interno. Nas três fases da GG descritas por Borges Neto (2003), tentamos destacar a pertinência do

interno, seja, como já dissemos, na primeira fase definida em nosso trabalho como a Fundação da GG – *The Logical Structure of Linguistic Theory e Syntactic Structures*, em que Chomsky define os níveis lingüísticos, permitindo-nos observar que, se há níveis, conseqüentemente, há aqueles que estão mais internos e outros mais externos, discussão que arrastamos para a segunda fase em *Aspects*. Apropriamo-nos, nesta fase, dos conceitos de estrutura superficial e estrutura profunda. Até mesmo no interno há o externo, ou seja, no interno há o que se encontra mais interno (profundo) e o que se encontra mais superficial (superficial).

Quando buscamos as definições de gramática, deparamo-nos com os conceitos distintos da GG e da GT; a primeira, notadamente no eixo interno, já a segunda, de acordo com o que extraímos de Cintra & Cunha (2001), concebe a língua estreitamente relacionada com o social. Se, para Cintra & Cunha (2001: 1), quem cria a língua é um organismo social, Raposo (1992) considera que a GG é um órgão biológico. Não haveria de ser diferente. A GT relaciona-se com o meio, uma vez que está impregnada de uma subjetividade que leva a definições, por exemplo, de língua culta e coloquial, possíveis de ser observadas apenas no padrão social. A GG não se preocupa com o que é culto ou coloquial, mas é ela que oferece possibilidades de que qualquer comparação inter-lingüística seja feita pela SP. Se para a SP a SV empresta sua metodologia de trabalho, com base fortemente empirista, é a GG que fornece a teoria gramatical que alicerça a proposta de Tarallo e Kato.

Em P&P, terceira etapa da GG de acordo com Borges Neto (2003), deparamo-nos com o conceito de Parâmetro para Chomsky e nos perguntamos: o parâmetro chomskyano é o mesmo de Tarallo? A GG define parâmetro, de acordo com Miotto; Lopes; Silva (2000: 26), como sendo as propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas. Já para Tarallo, o conceito de parâmetro tem ora sentido de “equiparar”, ora extrapola o campo da ciência. Sobre este ponto, Tarallo (1984: 55) destaca: “Tal complementaridade não tem ‘parâmetros’ (=sentido)!” “Tal proposta está fora de ‘parâmetro’ (=fora de órbita; fora de cogitação) !”, alguns poderiam reagir”. Somente encontramos apoio com relação ao parametrizar de Tarallo no descomprometimento proposto pelo fundador da SP: “**descomprometimento** com o modelo em que procuramos atuar” (TARALLO, 1986, grifo nosso).

De um lado do eixo que aponta para o interno, passamos subitamente para o lado que aponta para o externo. Este movimento é possível com a fundação da SV por WLH.

Utilizamos como fotografia deste momento o livro *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. Como vimos anteriormente, neste movimento de ir e vir na história da lingüística, que no capítulo 1 comparou a GG ao estruturalismo, deparamo-nos com o alerta de Faraco (2005) de que a preocupação com a mudança lingüística não é fruto exclusivamente da SV, pelo contrário, já fazia parte de uma agenda lingüística anterior mesmo à fundação da Lingüística Científica. Para construir sua teoria, WLH destacam, principalmente, três momentos da história da lingüística e, para isso, elegem três protagonistas: Saussure, Paul e Chomsky. Do primeiro criticam, sobretudo, a visão de língua homogênea e corte sincrônico; do segundo, a visão de um falante psicologizado, que, a nosso ver, assemelha-se às idéias chomskianas; do terceiro, a inconcebível definição, por parte dos sociolingüistas, do falante ideal. E que parte cabe à SV quando da fundação da SP? O temor dos fundadores da SP, que extraímos de Tarallo & Kato (1989: 36), era que uma das teorias, a SV ou a GG, passasse a existir apenas para servir a outra. De acordo com os fundadores:

ora, antes que realmente a teoria da variação venha a se constituir em uma **mera metodologia** e/ou simples procedimentos metodológicos de pesquisa à serviço de uma ‘suposta’ teoria maior, momento se faz para que os resultados já obtidos a partir do estudo de línguas particulares, seja em que parte da gramática for, sejam ‘parametrizados’ e tenham seu conhecimento adquirido finalmente capitalizado (TARALLO & KATO, 1989: 36, grifo nosso).

O temor parece residir no fato de a SV tornar-se metodologia e/ou procedimento metodológico da GG. Para que isso não acontecesse, criou-se a SP. A solução parece ser fácil e rápida. Porém, como podemos ver no decorrer deste trabalho, ao menos no que tange à complementaridade, em nossa perspectiva, esse feito não é possível.

O método proposto pelos fundadores da SV tenta solucionar alguns problemas no estudo da mudança lingüística, são eles: fatores condicionantes, transição, encaixamento, avaliação e implementação. Todos estes problemas têm uma forte convergência para o externo da língua, especificamente uma forte relação com o social. Neste capítulo, que denominamos Sociolingüística Variacionista, é em Tarallo que buscamos as definições de variável e variante lingüística, definidas também pelo interno e externo – as internas relacionadas à língua e as externas ao que é extralingüístico.

A alquimia proposta por Tarallo é aquela que funda a SP. Sobre as operações, e a alquimia é uma delas, Henry (1992) desta que todas produzem um resto, um resíduo.

E qual é o resto produzido pela SP? Este pode ser também o objeto de estudo de um outro trabalho. Podemos afirmar que o resto existe e, se representamos essa operação com ajuda da matemática, comprovamos que até mesmo o zero é um resto.

A SP coloca em voga a diacronia, encabeçada pelos estudos tipológicos. Deste movimento ora do intra ao inter, ora do inter ao intra, Tarallo vai construindo sua teoria na ilusão de uma complementaridade entre as teorias lingüísticas, complementaridade esta que é subvertida pela Banda de Moébius. Com base em Henry (1992), destacamos três possibilidades para a Lingüística. Sua observação de há complementaridade na Lingüística, sua própria posição que nega a complementaridade e nossas observações que confirmam que há um ideal de complementaridade na SP.

A Banda de Moébius é o objeto topológico que usamos para confrontar complementaridade com a não-complementaridade. A complementaridade, perfeitamente representável pelo cilindro euclidiano, encontra na topologia da Banda a impossibilidade de representação do interno/externo dicotomizados.

Retomando as várias dicotomias presentes neste trabalho, sendo o par interno/externo a que elegemos como caminho para conduzir nossa dissertação, sendo o interno representado pela GG e o externo pela SV, concluimos que a relação existente entre estes dois elementos não pode se estabelecer pelo campo da complementaridade. Pela topologia da Banda, observamos que ambos estão em um mesmo lado, porém não formam o todo, o único, conforme proposta dos fundadores da SP. É o tempo que subverte as dicotomias e impossibilita qualquer ideal que busque o completo.

# Referências

AGUSTINI, Cármen Lúcia Hernandes. **Dobras interdiscursivas: o movimento do sujeito na construção enunciativa dos sentidos**, 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Campinas, 1999.

ASSIS, Jacqueline de Sousa Borges de. Três olhares sobre a mudança lingüística. **LETRAS & LETRAS**. Uberlândia, p. 57-73, 2004.

BORGES NETO, J. ; MÜLLER, A. L. Lingüistas ou camaleões: uma resposta a Tarallo. **DELTA**. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 85-95, 1987.

BORGES NETO, José. **Ensaio de filosofia da lingüística**. São Paulo: Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_. O Empreendimento Gerativo. In: MUSSALIM Fernanda; BENTES Anna Christina. (org.). **Introdução à Lingüística: Fundamentos Epistemológicos**. 1 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004, v. 3, p. 93-129.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1986.

BRAGA, M. L. (Org.) ; MOLICA, M. C. M. (Org.) . **Introdução à Sociolingüística - o tratamento da Variação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BRIGHT, William. As dimensões da sociolingüística. In: FONSECA, Maria Stella, NEVES, Moema F. (org.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CUNHA-LIMA & KOCK. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A.C. (Org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras (v. 3)**. São Paulo: Cortez, 2004.

CHOMSKY, Noam. **Diálogos** com Mitsou Ronat. São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado, 1978.

\_\_\_\_\_. **Estruturas sintáticas**. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. **O programa minimalista**. Lisboa: Editora Caminho, 1995.

DUARTE, M. E. L (1988) (em colaboração com F. Tarallo) **Processos de mudança lingüística em progresso: a saliência vs não saliência de variantes**. Ilha do Desterro: vol. 20, 44-58.

DUARTE, M. E. L. (1999) A sociolingüística paramétrica: perspectivas. In: Hora, D. & Christiano, E. (orgs.) **Estudos lingüísticos: realidade brasileira**. João Pessoa: Idéia. 107-114.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FREIRE, Ana Beatriz. Reflections about the letter: psychosis in question. **Psicol. Reflex. Crit.** , Porto Alegre, v. 12, n. 3, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721999000300003&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000300003&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 16 Sep 2007.

FREUD, S. Cinco lições de Psicanálise. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GRANON-LAFONT, Jeanne. **A topologia de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita. Língua, sujeito e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

KATO, M. A; ROBERTS, I. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Principle of linguistic change – internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LEMOS, M. T. G. **A língua que me falta**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem - um percurso na história da lingüística moderna**. 02. ed. São Paulo: Parábola, 2004. v. 01. 232 p.

LYONS, J. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MENDES, Maria Dolores Ceccato. **Curso para professores de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental**. USP, São Paulo, 1999. Disponível em: <http://educar.sc.usp.br/matematica/> .Acesso em: 17 de junho de 2008.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2000.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, M. L. (Org.) ; MOLICA, M. C. M. (Org.) . **Introdução à Sociolinguística - O Tratamento da Variação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

NOGUEIRA, Luiz Carlos. **The Lacanian Field: desire and delight**. Psicol. USP , São Paulo, v.10, n.2, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641999000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 de junho de 2008. doi: 10.1590/S0103-65641999000200007

PORGE, Erik. **Jacques Lacan, um psicanalista: percurso de um ensino**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

RAMOS, Jânia. O emprego de preposições no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando. (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da Gramática**. A faculdade da linguagem. 2ª ed. Lisboa: Editora Caminho, 1992.

ROCHA, M. A. F. Complementizadores no português do Brasil: uma abordagem inter – e intra-sistêmica. In: TARALLO, Fernando. (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVEIRA, E. M. . A posição do lingüista. Uberlândia MG: **Caderno de Resumo do II SEMAD**, 2006. (Resumo de Palestra).

SILVEIRA, E. M. **As marcas do movimento de saussure na fundação da lingüística**. 1. ed. Campinas - SP: Mercado de Letras, v. 1. 168 p., 2007.

TARALLO, Fernando. A Fênix finalmente renascida. **Boletim da ABRALIN** 6: 95-103, 1984.

TARALLO, Fernando. Zelig: um camaleão-lingüista. **D.E.L.T.A.**, 1(2):127-144, 1986.

\_\_\_\_\_. Por uma Sociolingüística Românica “Paramétrica”: Fonologia e Sintaxe. **Ensaios de Lingüística**, 13: 51-84, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Pesquisa Sociolingüística**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2005

TARALLO, Fernando. (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

TARALLO, Fernando; KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica**: variação intra e inter-lingüística. Preedição 5, Campinas, 1989.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006.